

MEMORIAL

DE

CLAUDEMIR BELINTANE

CONCURSO PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE LIVRE-DOCÊNCIA

FE-USP
SÃO PAULO, 2011

INTRODUÇÃO

O presente memorial organiza-se em duas partes. Na primeira, tomei a liberdade de narrar alguns episódios significativos de minha vida, levando em conta que em minha teoria, quase machadiana, “o menino é pai do homem”. Como não me alinho à visão desenvolvimentista da inteligência ou do psiquismo, a infância, puberdade e adolescência não são recortes de um passado acabado. O substrato de minhas ações, de meu modo de lidar com pessoas e conhecimentos, não está livre dos efeitos singulares (não apenas sócio-histórico) da trajetória já vivida. Acredito que esta primeira parte, embora em razão de sua linguagem mais livre, seja importante para se compreender sobretudo as opções teóricas e o modo de insistir e resistir.

Na segunda parte apresento minha carreira na FE-USP, minhas participações, meus projetos e produções. Na tese que apresento em anexo, boa parte dessa produção já foi mencionada e situada no contexto mais geral das articulações que desenvolvi nos últimos anos.

Os documentos serão referenciados e estarão disponíveis em pastas anexas, com a devida numeração indicada na parte II deste documento.

Espero não só contemplar as exigências do edital, mas também proporcionar aos membros da banca uma visão bem clara sobre minha carreira e minhas lutas ao longo desses quatorze anos de dedicação à FE-USP.

NO INÍCIO É SEMPRE O VERBO E MAIS ALGUMA COISA...

Ao retomar este memorial uma década após a sua primeira versão, não hesito em retornar ao enigmático pedaço de parede com algumas inscrições feitas por mim mesmo com um pedaço de carvão, antes de terem me iniciado na escrita escolar. Nos sonhos, em que esta estranha escrita faz sua recorrência, estou lá feito Champollion, tentando decifrar uma escrita sem língua.

Ainda que pesem nestes sonhos os restos diurnos de minha lida cotidiana com a escrita de crianças, o pedaço de parede originário remete a um resto da velha casa que ainda habita minha infância. Uma casinha comum, agregada a outras, no cortiço da Coloinha da Prefeitura, na quase perdida Novo Horizonte da década de 60. É uma metonímia mítica que me leva a repetir indefinidamente a tentativa vã de chegar à escrita primária, que me põe o desejo de reanimar a casa, as cenas da época e, talvez, um pôr-se-em-cena que desconheço.

Já que comecei pelo verbo lembrar, lembra-me agora que aprecio muito o uso que Machado de Assis faz desse verbo e de seu antônimo complementar, esquecer:

Um dia, há bastantes anos, lembrou-me reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga Rua de Matacavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu¹.

¹Machado de Assis, *Dom Casmurro*. Obra Completa. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992. (p.810)

O par esquecer-lembrar traz as “inquietas sombras” de Goethe, que passam pela casmurrice de Machado, pela teoria de Freud e dão-me referências para fazer de minha pesquisa acadêmica uma extensão das inscrições improvisadas na lousa de minha infância. Nunca me tentaram “as memórias do subúrbio”, ainda que fossem “menos áridas que as do Padre Luís Gonzaga dos Santos” ou mesmo aquelas ironicamente prometidas pelo Bento Iago. Tampouco me interessa, com essa idade, reconstruir a casa de infância com tijolos reais. Se eu fosse pintor...

O que podem querer as inquietas sombras que se mostram a partir desse “lembra-me”? Se querem fazer lembrar, por que se deixam esvaír com facilidade? Que gosto é esse pela fragmentação, pelo jogo de esconde-esconde? Teria a absconsa matéria dos miolos algum princípio agregativo, alguma ordem-na-desordem? Esquecer-lembrar, lembrar-esquecer simulam, por acaso, algum ato criador originário na ordem caótica do mundo?

Ainda me vêm as tais inscrições em sonhos recentes: sento-me no chão batido da casa para, em vão, tentar decifrá-las. No entanto, acordado, o que posso fazer é apenas reconstruir ternamente o menino sentado diante da parede: a mão, cedendo a algum impulso, um gesto ancestral, maneja o carvão, dando à cal a marca que inaugura essa série de imagens e palavras que tanto me pede narrativas.

Impossível ler a estranha inscrição, o que se pode fazer, ainda que precariamente, é tentar debuxar o gesto puro, abstrato, elaborando em palavras essa pequena caricatura de um escriba sentado no chão de uma casa de imigrantes italianos analfabetos. Qual a idade do escriba?

*Como decifrar pictogramas de há dez mil anos
se nem sei decifrar*

*minha escrita interior?*²

(...)

Se ao homem fosse dado um ilimitado poder de lembrar, o que faria diante da estranha parede onde pulsões, metáforas e corpo entregam-se às cópulas originárias? O lembra-que-lembra vazaria a parede? Passada a parede, haveria regresso? Continuará o ser predisposto, cá fora, a se assujeitar às palavras, a aceitar as ordens do discurso? Ou é preciso reconhecer, como Freud o fez, que todo sonho tem seu umbigo? Sem dúvida o conhecimento é paradoxal - apesar de infinito, tem limites.

A busca das fugidias inscrições sempre instilaram-me esse desejo de transpor a meninice em outras letras. A míngua de talento literário empurrou-me pra pesquisa, que, tendo em Freud um ponto de partida, não me pôs tão longe desse estranho vestíbulo onde os nervos se soletram. Sou obrigado, como pesquisador de subjetividades arredias, a rever meu escriba menino, minhas inquietas sombras, meu esconde-esconde, embora não com a inscrição de "arrancar sangue" de uma Clarice Lispector. Invejo e temo demais essa coragem que enfrenta a viscosa substância da barata, o pré-pensamento em branco e preto e o espelho de Macabéa, mas meu verbo buscou um outro jeito de lidar consigo mesmo.

A opção por este caminho de memória veio vindo na base do "esqueceu-me". Esse não-sabido faz suas inscrições, insinua suas

²Drummond de Andrade, *Corpo*. Obra Completa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992. (p.1002)

marcas. Desde já, assumo a busca da escrita interior como pressuposto básico da arte da decifração. Para “decifrar pictogramas” careço de saber um pouco sobre a “escrita interior”, sobre o outro, sobre o desconhecido que me habita.

NA ORDEM DO PEQUENO E DO GRANDE OUTRO

Quase esqueceu-me dizer que o menino que escreve era um caipira. Como o pai, gostador de Folia de Reis, Festa do Divino, causos, versos e violas. De propósito, soía a nós tirar Deus das ladainhas e das cantorias de São João só pra sobrar um vozerio puro, chorado e gostoso:

*Amadu jusé joãã ãããana e mariiiiiaaa
Eeeu vus doou meu cooraçãããu
E na úúúrtima guniia, aaaaméemmm*

Que estranho efeito faziam as vozes desafinadas das mulheres rezadeiras! A da mãe sobrelevava, demais. Os olhos fechados, a fé em assonâncias nasaladas, em milagres antevistos. A novena significava, as chuvas vinham bem na hora da precisão, as “tuias” ficavam cheias e, às noites, as rodas de viola e causos se sucediam felizes.

A palavra bem dita, a benção cortava sarampo, catapora e varicela; cortava ínguas e quebrantos. O poejo, a hortelã, a erva de Santa Maria e outras mezinhas emprestavam às mazelas as palavras de esperanças: “é tiro-e-queda!” ; “é pá-bosta!”, “é um santo remédio!”.

A Esperança, além de ser uma mulher gorda, de fartas tetas que dava de mamar ao mundo, ainda estava ali, estranhamente encalacrada no meio da Salve-Rainha:

“a vida doçura esperança nossa salve”

Memento homem que essa pronúncia era rápida e quase sem abrir muito a boca. A palavra advinha sempre sonora, fácil, gostosa, cheia de carícia parental. Também, num rompante, a *adivinha*:

*O que é o que é
Seis mortos espichados,
Cinco vivos passeando,
Enquanto os vivos passeiam
Os mortos estão falando?*

Às vezes, ponteados de viola introduziam versos que punham pra gente as universais tragédias gregas, sobretudo quando a voz do pai se sobrelevava:

*Lá no alto da montanha
Numa casinha bem estranha
Toda feita de sapé
(...)*

Os ponteados doloridos de uma viola caipira levam-me a antigos arraiais, aos terreiros iluminados a lampião, a uma sensação paradoxal, agônica, mas feliz. O agônico vem dos graves bordões, que entificam a irreversibilidade do tempo. O feliz é o gozo, que os agudos sonantes, trigueiros e irreverentes trazem quando imajam os cenários perdidos da roça. Uma viola é mesmo barulhenta, diz sempre mais do que deve, bordões e sonantes se mancomunam, violam!

Além da inscrição na parede, lembra-me também a janela do quarto que dá para o quintal, por onde chegavam os ruídos da manhã. O abacateiro - "acataremos o teu ato, pois também somos do mato.." - ficava a quatro metros da janela, protegia a tábua de lavar roupa, a tina e o poço. Ao lado da janela está sempre uma gaiola de porta vazia, do sabiá que fugiu da canção. Uma menina ou um menino que chorava?!

- Mãe, canta de novo a do "sabiá que fugiu pro terreiro"

Sabiá lá na gaiola
Fez um buraquinho
Voou, voou, voou
E menina que gostava
Tanto do bichinho
Chorou, chorou, chorou.

Sabiá fugiu pro terreiro,
Foi sentar lá no abacateiro.
E a menina disse a chorar
Vem cá, sabiá, vem cá!

Sabiá responde a cantar,
Não chores que eu vou voltar!

Freud deve ter razão, o psiquismo é esse enredado de substituições em que algumas imagens, vozes, palavras estão lá recebendo um investimento maior do que os outros. Esse "esquecer-lembrar" machadiano que joga, à revelia, com nossa consciência vigilante, só faz os seus percursos obedecendo a uma gramática singular, embora possamos pressupor o poder da cultura e do mundo sensível que o lugar predispõe. No meu caso, a felicidade é a conjunção da palavra com um cenário real: o terreiro e o abacateiro existiram deveras, figuraram mesmo diante dos olhos meus e de

outros – indaguei pra ver³. De vez em quando, de fato, um sabiá laranjeira passarinha por lá. A voz de minha mãe ganhava corpo com essa cenografia. Uma vez vi a imagem desse sabiá em uma revista, era mesmo um sabiá laranjeira, de peito cor de terra e lá alguém dizia cheio de orgulho:

*Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá,
As aves que aqui gorjeiam
Não gorjeiam como lá!*

Minha terra tinha também canários-da-terra, passo-preto, maritaca, maracanã, azulão, avinhado, bicudo, melro, colerinha, pintassilgo e, como diria Macunaíma, um despotismo de passarinhada que não acaba mais. Exerci, com vera competência, as maldades do estilingue e da arapuca, quase sempre, contra rolinhas, fogo-apagôs, juritis, codornas e nambus. Os verdadeiramente canoros, nem pensar. Outros eram agourentos: anum, caga-sebo e beija-flor faziam estilingue arrebentar na mesma hora da mirada. Os canoros vinham no chamariz, gaiola, alçapão...Eh Rubem Braga! Não era eu mesmo que estava ali negociando passarinho na crônica?

Hoje os capturo com os olhos aqui no campus da USP. Outro dia, aqui, próximo ao Instituto Butantã, dei de cara com uma bela alma-de-gato, que júbilo! Corri comprar o livro “Aves no campus” de Elizabeth Hofling e Hélio F. de Almeida Camargo. Constato apaixonado que essa fauna canora aqui já é até classificável. Sabiás laranjeiras há muitos no campus, no entanto, nem sempre escuto um dobrado de abasileirar o entardecer. Será que, agora, aqui “essas aves cantam um outro canto”? Às vezes, temo que a Universidade faça esses efeitos de tirar a força caipira do peito das aves e dar-lhes tons somenos, sem dobrados. Não, nem sempre!

³ A certeza só pode advir do jogo entre o pequeno outro e o grande, que se encorpa na língua e nos mistérios das divindades. Confio na fala da mãe, o abacateiro existiu de se pegar com mão.

Escuto direitinho o que viu o bem-te-vi, é o de sempre; o que dizem e desdizem os fogo-apagôs, os sanhaços e até um persistente peixe-frito que está sempre por aqui, na amoreira, ao lado da biblioteca da FEUSP.

Passarinhos fazem a palavra passarinhar e a narrativa corre o risco de intrujar-se em outras demandas. Domestiquemos o lembrar-me. Já que a cena do pai e da mãe lembra-me, falemos dela.

OS BELINTANES

A família de meu pai, os Belintanes, chegou aqui no finalzinho do século XIX, procedente de Mantova. Meu avô, Júlio Belintane, falava dessa viagem, de sua pouca idade, oito anos, do medo de morrer e de ter o corpo atirado ao mar. Na Hospedaria dos Imigrantes, em São Paulo, não há registro dos nomes de meu bisavô, Alberto e tampouco, o do menino Júlio – nem sempre se contavam todos os membros da família, eles entravam em bloco, como massa, mão de obra.

A falta de documento na História e o olvido na mente de meu avô já inauguraram em nós essas faltas originárias, que tanto nos põem diante dessas pabulagens fantasiosas. Meu pai gostava de dizer-se *taliano*, estrangeiro, que não estava aí pra obedecer governo brasileiro, embora estivesse mais pra uma bananeira do que pra qualquer videira. Aliás, da Itália quase nada sabia, da língua, apenas algumas já abasileiradas palavras de culinária (minestra, manjare, e alguns xingamentos típicos, maledeto, porca madona etc). Como todo imigrante pobre, minha família fez-se brasileira, assimilando sem restrições os traços culturais oriundos de uma

cultura cabocla. A casa de taipa, o fogão a lenha, a lavoura de subsistência, a viola de dez cordas, as festanças e cantorias já lembradas. E, como não poderia deixar de ser, a queda social quase absoluta, tão comum aos caipiras paulistas: de proprietários rurais a bóias-frias da periferia urbana. Venderam-se as terras do Porto-Ferrão pra vir atrás da promessa luminosa que, em Novo Horizonte, acendia-se com a chegada da luz elétrica na década de quarenta.

Morar na cidade, ter um ofício, uma casa e uma mulher eram talvez os sonhos dos oito filhos do, agora, “véio Júlio”. A dispersão do núcleo familiar, os casamentos aos dezessete anos, a responsabilidade de ter mulher e filhos, adiavam o sonho do bom emprego e punham todos na mesma lida dura com a terra, só que agora, engordando o alheio. Mas, diz Drummond, como de “tudo fica um pouco”, ficou-nos a herança da revolta e a percepção nítida das desigualdades. Entre Vila Patti, onde moravam os italianos que deram certo no café e no gado, e Vila Cardoso, onde se encalacrava a miséria, entre o lixão, o cemitério e o matadouro municipal – os Belintanes enxergaram que os desejos levam os sujeitos além das classes. Esses pais deserdados construíram um nome em Novo Horizonte, que hoje se vê nas diversas profissões e na política local. Os Belintanes fazem história de gente boa, honrada, mas sempre da “pá virada” na política e na revolta.

OS VIDEIRAS

A cantiga triste de minha mãe, a *do sabiá lá na gaiola* é quase um fado, traz essa tristeza nostálgica, essa impressão de que todo dia se ama e se perde a pessoa amada, que parte num frágil barco a vela rumo ao mar desconhecido. Se os Videiras ganharam o nome plantando vinhas, pouco se sabe. Do mesmo modo que os

Belintanes, chegaram desbravando esse Oeste paulista pra plantar café e organizar a subsistência do nucleozinho familiar. O Vovô Antônio Videira não quis, por muito tempo, assumir os prejuízos das altas e baixas do café. Foi logo pra cidade, herdara profissão do pai, era marceneiro, mas deixara os filhos no sítio, no Pio XI (vilarejo próximo a Novo Horizonte), que ali produziram arroz, amendoim, tomate e algodão até recentemente.

*A casa de meu avô...
Nunca pensei que ela acabasse!
Tudo lá parecia impregnado de eternidade⁴*

Minha avó materna, Florentina de Pardi, veio da Itália, embora de lá tenha trazido, até nós, apenas alguns fragmentos de cantigas de ninar e um sotaque quase risível. A pequena cidade de Borborema, acolhedora, pacata, não requeria resistência de memória. A adaptação, ao lado dos Videiras, fizera-se com muita facilidade.

Aliás, fenômeno curioso se dá com os imigrantes que vieram pra essa região: poucos, pouquíssimos conseguiram manter na memória familiar o nome da terra de origem, embora, por seus sotaques, suas crenças e modos de agir, pode-se perceber com facilidade a origem de cada um deles. O que eles sabem é que um avô ou outro viera da Itália, de Portugal, mas não sabem precisar a cidade, a região, a história. Alguma estranha esponja desses interiores brasileiros, até hoje, parece esmerar-se nesse apagamento e, ao mesmo tempo, em emprestar, a esse homem que se afastou do litoral, uma estranha identidade com esse oeste calorento e, atualmente, com a devastadora economia dos canaviais, a economia que pela as matas, que desdesignifica a tradição e favorece a máquina de esquecer as origens. A monocultura arrasa a diversidade, arrasa o

⁴ Manuel Bandeira. “Evocação do Recife”. *Libertinagem*. Poesia Completa e Prosa. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1996 (p.212-214)

heterogêneo e pouco favorece a conversa sobre as múltiplas possibilidades do trabalho. Na faina da cana, a memória coletiva não tem vez. Com o fim do café e o predomínio absoluto da cana, acabaram-se as festas, mudaram-se as modas, o caipira virou sertanejo. É raro hoje o ponteio gostoso da viola. O que fala alto é a vozinha em falsete de duplas que reluzem com seus coletes caubói nos programas bregas e choram um tal “fio de cabelo preso no suor”.

MÃE E PAI NÃO MORREM NUNCA

Este título é uma paráfrase de um verso de Drummond, retirado do poema *Para sempre*⁵, só que, no poema, o *Gauche* de Itabira fala da mãe, *mãe não morre nunca*. Preciso estender esse sentido também para o pai. Como diz outro mineiro, Guimarães Rosa, *as pessoas não morrem, ficam encantadas*. Meu pai entrou para a legião dos encantados numa manhã de abril de 1966, dando aos filhos a perigosa opção de aprender sozinho as virações todas da infância e da adolescência. De pouca escolaridade, além de lavrador, Júlio Belintane Filho foi operário da Prefeitura Municipal, violeiro e animador de cantoria.

Do encantamento, lembro que comigo ele sempre esteve. Ofereço-lhe cada pequena vitória e, diante de alguma covardia, peço-lhe desculpas e emendo, de imediato, procurando encarar novamente a situação. Proeza dele e da mãe: criar seis filhos em ambiente social bem desfavorável e todos, absolutamente todos, sempre predispostos a cumprir a Lei do Pai, a lei civilizacional, a ética que nos põe o outro sempre em uma dimensão de amor-ódio e respeito.

⁵ Drummond de Andrade, “Lição de coisas”. *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992. (p.333)

Desculpem-me os que não gostam de estudar o inconsciente, os que acham que Freud foi apenas o pai de uma Psicanálise burguesa, mas eu não encontrei caminho melhor para compreender a força do nome do Pai. Do mesmo modo, desde meu Édipo, também falo da mãe. Mãe também não morre nunca, fica ali eternamente tramando o inacessível incesto. Falo do pai, o não! O não necessário a todas as afirmações. Estou aprendendo a solfejar essa pauta parental, venho buscando em minhas pesquisas os modos de dar letra, enredar esse universo primário, cujas galáxias pulsionais se dobram, ainda que parcialmente, à força do nome do pai. Como diz Lacan, o superego é o imperativo do gozo, é a lei que rege o gozar e descobre as éticas e outras leis.

Em nome da lei: pai e mãe não morrem nunca!

SUBSTITUTOS: ESCOLA, PROFESSORES

Dona Ivone era uma senhora forte, alta, com os indefectíveis brincos de argola. Chamava-me "Belintane" e eu gostava. "Belintane vá ao quadro". Tinha um outro modo de dizer as coisas, "alfinete", "almoço", "algodão" (forçando a articulação línguo-palatal, "comia quiabo com galfo"). A valia é que ela era tão meiga que nós aceitávamos a brincadeira de mudar a língua, mas lá no campinho do Nelito, na beira do corgo do Cardoso, nas nossas vadiações, a gente dizia mesmo era "finete", "armoço", "argudão". Minha alíngua ainda interpõe, de vez em quando, um sujeito caipira que quer por que quer insistir nos substratos. Teórica e poeticamente ando longe dessa obsessão corretora, que anda sempre pronta pra alimpar a palavra do outro, pra extirpar do outro os potenciais poéticos de seus íntimos. Morre muita gente, morre muita memória quando o obsessivo salta

em defesa da pureza do idioma de Camões. É preciso frear o positivismo dessa gente⁶.

A *Caminho Suave* fazia a gente suar na soletração. De vez em quando alguma surpresa: percebíamos encantados que havia palavrão na lição do cachorro: *cachorro: ca, co, cu*. Podíamos mesmo falar aquilo? Ela, a Dona Ivone mesma, pronunciava séria, com a régua na mão, porque, às vezes a meiguice podia ganhar apoio da régua, que ajudava a dar solenidade mesmo a uma silabazinha safada como essa.

Fiz um bom primeiro ano, não apanhei de Dona Ivone, cumpri todas as lições da onipresente cartilha da Dona Branca Alves. Já nos outros anos, sobretudo, segunda e quarta séries, andei levando belos cascudos, reguadas estonteantes e aqueles qualificativos de quase fazer dano: idiota, ignorante (e eu era mesmo! Tanto é que nem sabia o que era isso, na época, pra mim, “ingnorante” era quem tinha um murro danado de forte, que sabia bater bem e não perdoava ninguém). Sofri um tanto no Grupo Escolar Professor Mário Florence.

Fui exatamente o exemplo do menino “na vida dez, na escola zero”, embora não tenha levado muitos zeros. Na vida, nessa época, engraxei sapatos na Praça Paulo Lepick e no mercado municipal (até hoje guardo orgulhoso a escova, que além de escovar, sinalizava com batidas na caixa a troca de pé ou o fim do serviço), fui entregador de pães da Padaria Santa Teresinha e, de vez em quando, fazia uns bicos treinando galo de briga – ah, essa é boa! Fui treinador de galo de briga, “esporte” fortíssimo em Novo Horizonte na década de sessenta e setenta, apesar do Jânio.

Na escola, muitas vezes, a cabecinha se perdia num esquisito nada, que só era rompido por gritos e ameaças. Vivia muito esse

⁶ Esse assunto abordo em “Língua-da-mãe versus “língua-mãe: autonomia e autoridades. In Aquino, J. G. (org) Autoridade e Autonomia. São Paulo : Summus, 1999. (215-229)

momento branco, essa ausência abúlica que só saía à base de reguada. Ainda a tenho, de vez em quando, sumo pra um nada. Na segunda série cheguei a ser considerado aluno-problema⁷, era lesma na leitura e burro na aritmética. Nas virações nossas, não só lia com agilidade uma infinidade de gibis como também calculava os lucros do dia, da semana e do mês que vinham da caixa de engraxar, e, no cinema, faroestes legendados eram lidos como se devia. Ainda bem que a lesma e o burro só se manifestavam na escola. Realmente acredito que o sujeito não se põe quando sente ameaças à sua identidade, sobretudo em relação ao seu verbo, à sua cultura local, à sua classe. Escola era coisa de rico. Engraçado que recentemente ouvi coisa parecida de um aluno morador de favela e entendi muito bem o que ele disse.

Confirmando a hipótese da resistência subjetiva: deixei a escola depois da quarta série, aos 10 anos e meio. Fui pra roça, dava mais dinheiro que sapatos, pães e galos e, pra minha família, escola era mesmo coisa de gente rica. Lugar de pobre é na terra.

Saía de madrugada com o “galo” dependurado no ombro – agora o galo era metafórico: dentro de um embornal, o caldeirão cheio de arroz-feijão, a garrafinha de café e, muitas vezes, uma fatia de pão untada com banha de porco. Arrancar e chacoalhar amendoim, catar tomate, apanhar algodão, cortar cana, colher café e outros serviços de roça constituíam a faina. O dia era longo e a gente rezava para que as nuvens se ajeitassem sobre nós. Lá para as três da tarde, pedíamos chuva pra interromper o serviço, que o espinhaço era só dor e cansaço. Muitas vezes presenciemos o não existir de Deus estampado na cara de um solão abrasador e onipresente. A

⁷ Atualmente, desenvolvo com meus alunos um projeto que tem como objetivo atender alunos da Escola de Aplicação da FEUSP e, ao mesmo tempo, pesquisar um modelo de escuta adequado ao atendimento de alunos ditos problemáticos. Iniciamos o projeto nesse primeiro semestre de 2010.

chuva não vinha e o dia findava lento e quente. “E Deus onde está?”
“Sorveteu!”.

Meus amigos ainda estão lá, precocemente envelhecidos pelo sol, pelo cansaço, muitos consumidos pelo alcoolismo. É verdade, Ferreira Gullar, “O preço do feijão não cabe no poema”! Muita gente não sabe ler no suculento tomate o seu preço, não há leitura para o real denso do açúcar, do café, do feijão, do arroz, do algodãozinho da camisa e tantas outras apenas mercadorias que sobejam nas prateleiras de hipermercados e lojas de hoje.

Eu sei ler bem essas mensagens, no entanto, esse saber nem sempre posso ensinar. Fica comigo, narcisando à vontade e só pode ser entrevistado quando:

- Defendo a escola pública, defendo os Sem-terra, defendo a diversidade linguística, defendo minha classe de punhos cerrados e não tenho nenhum medo de pronunciar a palavra “engajado”!

Meu pai, minha mãe, meus irmãos, meus tios, meus primos, meus amigos que lá ficaram, vergados sob o sol de quarenta graus a lavar o alheio, sabem que eu, hoje, trabalho à sombra do dinheiro público. A única coisa que posso fazer pra diminuir um pouco essa nossa distância, é continuar na luta política, sendo chato, pugnando quase quixotesicamente contra o liberalismo econômico - que, tenho certeza, não terá jamais uma política bem intencionada pra essa “fauna maravilhosa do fundo do mar da vida”

Talvez, a culpa, meus caros, por essa nossa distância atual seja da Escola Pública. Mesmo debaixo de muito preconceito, bolos, cartilhas e outras mazelas, aprendi a ler o longe suficientemente pra deixar a roça alheia. Hoje meu discurso tomou um jeito paradoxal, que me afasta e ao mesmo tempo me reaproxima de minha origem, num jogo de esquecer-lembrar que me põe a valorizar a palavra, o simbólico - única garantia de poder visitar e revisitar inscrições

perdidas. Ao mesmo tempo em que leio Freud, Lacan, Foucault e tantos outros, continuo buscando a diversidade de gênero do oral sem nenhuma restrição, continuo construindo uma visão mais paradigmática, mais generosa de língua e de literatura. De língua, em meus cursos, ponho norma culta e norma popular numa faixa de Moëbius e não em pólos dicotômicos; assim também vejo esteiras de continuidade entre todas as criações literárias, mesmo a dos maravilhosos cantadores que estão pra além da gramática escolar, como Zé da Luz.

OUTROS DO CURRÍCULO OCULTO: CIRCO, PALHAÇOS, CONTADORES E MENTIROCOS

Reco-reco, Embrulhão, Pipoca, Vitrolinha, Pouca-roupa eram alguns dos palhaços que conheci na Infância. Tive a sorte de ser vizinho do local onde se armavam os circos mambembes, tive, quase sempre, o benefício da permanente e da amizade com a gente circense. Aprendi com eles muitos segredos da arte mambembe. Orgulhosamente frequentei os bastidores. Aos doze anos quase fui embora com um deles.

O circo mambembe divide seu espetáculo em três partes:

na primeira parte, atrações e variedades em nosso picadeiro, apresentando malabaristas, contorcionistas, trapezistas, mágicos e...a famosa dupla do barulho, Vitrolinha e Embrulhão; na segunda parte, apresentaremos nosso magnífico show do rádio com o conjunto desta companhia, The Boy Sinval, e as já famosas e internacionais bailarinas; na terceira e última parte, o famoso drama

do teatro brasileiro, "O céu uniu dois corações"⁸. Sessão das moças: senhoras e senhoritas acompanhadas não pagarão ingresso".

Fiz, nas arquibancadas e bastidores de circos, boa parte de meu currículo oculto. Lá aprendi a força do verbo dramatizado. Com os palhaços, os jogos de palavra, as metáforas escalafobéticas, as paronomásias escatológicas, a gesticulação ambígua, caricatural, polissêmica, sempre pronta a deixar em nossa memória a marca, o estilo de cada artista-palhaço. Embrulhão, quando tinha medo, arregalava os olhos, derreava as pernas e o corpo quase obeso e caminhava pelo picadeiro como um pato, projetando o pescoço – as arquibancadas vinham abaixo. Reco-reco tinha uma cachorrinha de pano arrastada por um cordão, chamada Violeta; com as frases "pula, Violeta" ou "desce, Violeta" conseguia significar os seus mais diversos estados de alma: admiração, dúvida, deboche, tristeza, alegria, desejo sexual e outros.

Nós sabíamos imitar cada um desses artistas, tínhamos, na memória, seus bordões e gestos, seus "cacos" e "bexigadas"⁹ suas saídas espertas - sempre pelo simbólico, sempre pelo jogo de palavra. Acho que uma das pilastras de minha literatura e de meu amor pela palavra adveio também desse picadeiro mambembe.

Depois do Show do rádio, as luzes se apagavam, restando apenas a singeleza do palquinho de madeira, iluminado, evidenciando suas cortinas de ramas, sempre com o nome do circo escrito com esses vidrilhos brilhantes. Quando a cortina se abria, um silêncio respeitoso anunciava a *ouverture* de um grande drama. Em "Coração de Mãe", uma indignação, um furor silencioso suspendia nossa

⁸ Descubro recentemente na Internet que o texto é de 1939 e traz a assinatura de Antenor Pimenta. Ainda é remontado, mas quase sempre como uma espécie de homenagem ao universo mambembe.

⁹ É o que em inglês pode ser chamada Gag. "Cacos" e "bexigadas" operam no mecanismo de substituição jakobsiano, é lapso de língua, trocadilho, chiste.

catarse ao máximo quando a maldosa Fulana pedia ao simples Campônio Antônio:

“Antônio, se tu me amas de verdade, parta já, vá buscar de sua mãe o sagrado coração!”

A cena em que Antônio entra e encontra a pobre velhinha a rezar... Ah! Mesmo tendo visto o mesmo drama mais de dez vezes, nós engolíamos seco, chorávamos pela desgraça de compartilhar esse horrível matricídio, por amor, por puro e verdadeiro amor. A imagem do campônio, ensandecido, com o sangue da mãe escorrendo pelos braços, a bradar: “vitória, vitória de minha paixão!”. Enquanto a ingrata está no altar se casando com outro: “Louco, Antônio, eu estava apenas brincando!”. Tarde demais! Antônio deixa cair, aos pés da amada, o sagrado e puro coração materno, ao mesmo tempo em que apunhala o seu próprio coração.

A cena final, tão comum nos dramas mambembes, é o quadro alegórico, sem palavra e completamente estático, lembrando realmente uma alegoria renascentista. O quadro de “coração materno” era o céu: Nossa Senhora ao centro, a bondosa mãe sob a mão direita da santa, e à esquerda o infortunado campônio, ajoelhado, estático, eternamente implorando perdão. Ele seria perdoado, estava ensandecido, matou a mãe para satisfazer as exigências amorosas da mais bela das mulheres. O final ainda levava-nos a pressupor que a Maldosa, a essas horas, estaria lá ardendo suas carnes no fogo do inferno.

É indescritível o que se passava em minha imaginação, quando, no outro dia, eu via “Antônio”, a “Mãe”, “A Marvada”, todos os outros, na lida dura do dia, carregando água, lavando roupa etc. A “Marvada” no palco era quase translúcida, no outro dia, era corpulenta, moleirona e usava vestido de rama, como minha mãe.

O circo mambembe me trouxe essa possibilidade de dar outras palavras e imagens ao Édipo. Quando mais tarde, estudei Freud, fui tomado pelo desejo de visitar todas as peças mambembes e estudar, a partir delas, o imaginário interiorano. Infelizmente, o circo mambembe morreu. Algum desvairado Antônio aceitou apunhalar o drama, acho que a pedido da feminilidade que veio com absurdas demandas, a novela de televisão – que talvez um dia também há de arder no fogo do inferno, junto com a Marvada.

À noite, quando não havia circo em Novo Horizonte, nós, gente humilde, púnhamos cadeiras na cal... - perdão! - na rua descalçada. Aqui advêm na memória, absolutos, outros artistas: os contadores de causos, seu Eduardo, Seu Chico, Véio Lau – outros grandes do currículo oculto que vale a pena trazer ao lume.

A luz? A da lua!

Seu Eduardo era o mais notável. Analfabeto, mas contador suficiente pra deixar suas influências sobre um Jorge Luís Borges. Exercia o gosto de costurar lentamente a verossimilhança, dando e citando as memórias que poderiam testemunhar os fatos (a maioria já morta). Talvez, por esse hábito é que ganhou o título de maior mentiroso do mundo. Se houvesse um meio de tê-lo ao lado do Barão de Munchausen, poderíamos ter a prova. Eu, particularmente, ficaria com o seu Eduardo, pelo colorido, pelo pitoresco de nossas paisagens e mitos rurais. Com esse substrato, pude ler Lobato.

Com os contadores de história, nem preciso dizer o que aprendi. Só preciso reforçar que eles estão atualmente sob a mira de minha pesquisa e constituem um dos eixos de meu curso de pós-graduação. Sei que a tradição brasileira ainda pode dar muito mais caldo do que já deu. É fruta boa!

GINÁSIO, COLÉGIO, AUTODIDATISMO E VESTIBULARES

Passei a puberdade na roça, olhando o céu, pedindo que a chuva viesse aliviar os quarenta graus de sol e dar-nos um tempo de folga ainda que se encharcassem nossas roupas. Ainda hoje, as estiagens de agosto, as represas e rios que baixam seus níveis, fazem-me olhar pro céu e indagar o aonde das nuvens.

Foi numa dessas tardes em que o solão fazia borbulhar o longe e o perto, que decidi voltar à escola. O cheiro de veneno me fizera vomitar, estava fraco e, tinha certeza, o peso de meu fardo de algodão não passaria de duas arrobas. Meu irmão e seus colegas certamente fariam o dobro. Eu seria o aranha do dia.

Foi realmente definitivo! O vômito, o ar se enrugando, o cheiro do veneno, as broncas de meu irmão mais velho levaram-me atrás de uma matrícula na quinta série já indo para os treze anos de idade. Infelizmente, não havia vagas no curso noturno, fiz as três séries do fundamental no Segundo Ginásio, no período vespertino, e a quarta, no Francisco Álvares Florence, no período noturno. Para continuar sustentando a mim e aos irmãos menores, trabalhei à noite amassando literalmente o pão que o diabo não quis amassar. Pão quentinho é bom, mas pôr farinha na masseira, cilindrar a massa, enrolá-los um a um no muque, depois retirá-los, crocantes, do forno à lenha, é coisa demoníaca. Já viram uma padaria? Já viram um padeiro sentado? Eles não sentam nunca! Já perceberam o ritmo frenético com que se movimentam da masseira ao cilindro e deste à mesa onde são enrolados os pães? Adaptemos Brecht ainda uma vez: podemos, como cristãos, partir e repartir o pão, desde que não tenhamos que conviver com os sofrimentos daqueles que o produzem.

Fui um ginásiano medíocre, sempre cansado, notas quase sempre abaixo da média, dependendo dos exames finais, das segundas-épocas. Na virada da sétima para a oitava, eu já estava com dezesseis anos, era apaixonado por futebol e acalentava o sonho de ser o maior centroavante do Corinthians, faria mais gols que Pelé e me tornaria um Caim, vingador implacável – meu irmão mais velho era santista, haveria de ver!

Parafraseando Machado, não alcancei a celebridade do ginásiano escolhido pelo Rotary Clube, não fui melhor jogador do que meu irmão, não conheci os aplausos dessas torcidas. Entrei na adolescência realmente acreditando que eu era um ser inferior, acho que eu tinha o mesmo jeitão de Graciliano Ramos, curtir um certo menosprezo por si mesmo, mas no fundo manter sempre uma prontidão pra apostar em alguma virada.

Verdade é que suspendi cedo o futebol. Minha autocrítica veio me dizer que essa carreira não era pra mim.

Coube-me, como bom desajeitado, a boa fortuna de, nessa época, apaixonar-me perdidamente pela leitura da Bíblia. Acho que essa ponta de fé na palavra reatava-me com os circos e os contadores. Só que, agora, o que prendia meu desejo era a janelinha mágica de papelzinho fino e letras miudinhas. A Bíblia até hoje cheira a outro mundo.

Li o Velho e o Novo testamento, tive arroubos de fanatismo, de pregador – “sobre mim, Mestre, poderia ser edificada a vossa igreja”. Depois, passei por uma fase em que buscava depurar as grandes verdades. Seria a Bíblia o autêntico livro de Deus? Por que só os hebreus é que tiveram o privilégio de dar língua à escrita divina? Eu não sabia, mas estava deixando a ficção e começando a me interessar por ciências e filosofanças. Li de cabo a rabo, quase sem

respirar, o “Eram os deuses astronautas?” de Eric Von Daniken¹⁰. Ali estavam a verdade, os alienígenas. Sem dúvida, não havia Deus, só uma trama de alienígena atrás de alienígena se perdendo no tempo – como diria Borges, “uma trama de pó, tempo e agonia”.

Nessa época, arrumei um amigo também desajeitado, mau aluno, entendido como esquisito, o Domingos... o Domingão – aumentativo por excesso de esquisitice. Com ele, passava horas e horas reafirmando a inexistência de Deus e formulando teorias sobre as origens do homem e da inteligência humana. Vivemos o nosso “cristo-jesus”, riobaldando sobre existências e inexistências e, quase sempre, expostos à chacota de nossos já resolvidíssimos amigos católicos. Sobre pactos, chegamos a faustas certezas: já éramos pactários, optamos pela dúvida, dupla vida! Erramos!

Nessa época, não sei por que, talvez, para aumentar o vulto da paternidade sobre o vazio da orfandade, desandei a ler biografias. Comprei uma coleção chamada “A vida dos Grandes Homens”, li : Einstein, Freud, Thomas Edison, Newton, Galileu, Giordano Bruno, Descartes e outros. De vez em quando, tomava o rumo da literatura: Álvares de Azevedo e Augusto dos Anjos eram meus poetas preferidos; Hermann Hesse, o romancista de cabeceira. Tudo muito coerente, não?! Foi nessa época que descobri os nomes de Freud e Marx.

Terminei o Ginásio às duras penas. Dessa época, lembra-me a imagem de uma professora de Português, dona Lurdinha. Um moça franzina, de olhar meigo e voz doce, que valorizava as minhoquices presentes nas minhas redações e, às vezes, indicava-me boas leituras. Forçando, posso lembrar também o desagradável de lembrar, as maquinações identificatórias. Uma época, no esforço de

¹⁰ Essa memória contribui até hoje com minhas concepções sobre a formação de leitores. Isso pode ser entrevisto no artigo “Ambiência e leitura”.

me mostrar diferente, exibia-me bestamente em sala de aula – arrumei com isso uma boa coleção de advertências e suspensões, as quais exibia com orgulho aos colegas. O eixo identificatório parecia exigir essa contestação besta, o enfrentamento da autoridade, sempre buscando maquirar estratégias para expor os mais mandões ao ridículo. Na sétima série, quase fui expulso por ter escondido os óculos de um professor ranheta.

Já no Colegial, as leituras, essa convivência com as biografias, com esse imaginário ensandecido da ciência, deram-me uma convicção: o único jeito de romper com o solão de *novrizonte* e resolver o problema das existências era o estudo. A partir daí nunca mais deixei de estudar e até mesmo busquei identificar-me com vários professores da escola.

Fui um colegial bem acima das expectativas da Escola Estadual de Segundo Grau Shirlei Camargo Von Zuben, cujos professores, já na época, fim da década de 70, amesquinhavam objetivos e conteúdos, deixando-os bem distantes daqueles exigidos no vestibular. Desde o primeiro colegial, o desejo de sair do solão e da opressão novorizontina, punha-me diante de apostilas de cursinhos, numa solitária trajetória de autodidata. Para quem suportava o chumbo da disciplina autodidata, o programa da escola era palha. Nessa época, fiz coleção de nota dez. A desconfiança de esquisitice ainda permanecia, o amigo esquisito idem.

Nesse período, descobri, de vez, a Literatura. Embora, meu sonho ainda estivesse apegado a uma física filosófica, voltada às origens. Como diria Manoel de Barros, eu queria chegar nos “começamentos”, lá na oficina primária e etérea. Aos poucos fui percebendo que essa curiosidade também podia ser saciada na Literatura, na Filosofia e, um pouco mais tarde, na Psicanálise. Nesse

percurso, sempre contei com a companhia séria e boa do amigo Domingão.

No final do terceiro ano, final da década de setenta, pirei também em política. Entendi o que significava a ditadura. Amava a música de Chico Buarque. Li trechos de Marx e Engels, decorei palavras de ordem e procurava, com paixão, um jeito de me alistar em algum grupo guerrilheiro comunista. Houve um momento em que os meus professores viam que o geniozinho estava independente, respondão, acusador, querendo fazer revolução por “dá cá aquela palha”. Sonhava o dia em que os boias-frias subissem a XV de novembro, empunhando seus facões de cortar cana, rumo à Vila Patti, de preferência, entoando o “trabalhador unido jamais será vencido!” ou o “caminhando e cantando”. Estava pronto pra sair de Novo Horizonte!

SÃO PAULO: SOCIOLOGIA, POLÍTICA E O RETORNO JOYCIANO

Vimos, eu e Domingão. Trazíamos na bagagem mais livros do que roupas. Por seis ou sete meses, perambulamos pelas ruas de São Paulo, engrossando a fila dos desempregados e famintos da cidade. Percebemos o fio tênue que separa o estômago vazio da cabeça cheia, da cabeça querendo o que a antiga ética caipira não permitia. Estivemos muito próximo de uma marginalidade absoluta, morando na famosa Baixada do Glicério. Sobrevivemos, a lei do pai era boa.

Logo encontramos Sampa fervendo oposição ao regime militar e ao peleguismo sindical:

- A oposição está firme, podemos vencer a eleição no sindicato da construção civil! Vamos varrer a pelegada! Precisamos de companheiros de coragem pra segurar as urnas itinerantes, que saem de manhã.

Meti-me em diversas situações de risco. Era um militante aguerrido, ousado, sempre pronto a sacrifícios. Os estudos, nesse período, concentravam-se em Marx, Engels, Lenin, Trotsky, Mandel e outros. A Física, a Filosofia, a Psicanálise foram relegadas a um plano menor, afinal de contas, a revolução, a missão de salvar o país, de implantar no mundo a ditadura do proletariado, era mais urgente e necessária, falava melhor com o substrato bóia-fria que, agora, vinha à tona. Mas, o teatro mambembe e os contadores de história também não morrem nunca, achei um jeito de unir revolução e teatro. Descobri Bertold Brecht, Augusto Boal e o teatro paulistano.

Meus primeiros vestibulares foram ambíguos e quase fracassados. Eu não sabia o que queria: Sociologia, Física, Filosofia, Psicologia, Teatro, Letras. Acabei, por absoluto engajamento, entrando na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Na época, vivia-se lá o sonho de retomar os idos da Maria Antônia. Quase nada pude aproveitar das aulas dessa Faculdade, tudo lá era movimento. Foi nesse período, 1981-1982, que os alunos invadiram e tomaram a diretoria da Faculdade e tentaram organizar uma autogestão. Acho que não é preciso comentar que aquele autismo todo acabou num gozoso fracasso.

Em maio de 1982, resolvi voltar para Novo Horizonte. Cheguei à conclusão de que lá era um ponto estratégico para se deflagrar um movimento rural revolucionário. Abandonei a Faculdade e fiquei dois anos lá no solão de novo, só que desta vez, em séria e justa

militância. Desse período, guardo algumas lembranças maravilhosas: o grupo de teatro que dirigi, o "Feito em Casa", sobretudo a montagem "real-socialista" que fizemos do texto "Morte e Vida Severina", cujo elenco era composto de, na maioria, pessoas marginalizadas pela sociedade novorizontina; o Jornal "A Cidade", fundado por alguns malucos, Eu, Raul Barbière, Chico Lopes, Érica Maria Pires de Moraes (também se tornou encantada há alguns anos), Paulo Rogério Lopes e outros - pusemos a cidade em polvorosa, aprendemos alguns segredos do quarto poder. Na eleição de 1982, fui candidato a Prefeito da cidade, com apenas 23 anos de idade e uma ousadia que causou um certo impacto, mas não o suficiente para ameaçar as lideranças arraigadas.

Desse período, destaco também as noites boêmias em que discutíamos política e literatura. Aprendi muito nessa época com um voraz autodidata, o meu amigo, hoje escritor, Chico Lopes (contista hoje consagrado pela crítica). Muitas vezes, os bares noturnos eram refúgios onde retemperávamos nossos ânimos, concebendo projetos quase sempre inexecutáveis, mas suficientemente dotados daquela ingenuidade poética restauradora.

James Joyce diz que a gente sempre volta para a cidade natal pra se vingar. Além do desejo de ver os bóias-frias no poder, eu me deparava com essa imensa mágoa represada. Naqueles dois anos, revi a sociedade novorizontina com olhos de quem leu outros longes, rompi de vez com seu centro urbano e até com uma parte de sua paisagem rural, hoje, totalmente tomada pela cana. Eu não podia ficar por lá esperando uma revolução cujo discurso, nos grandes centros, a essa altura, já estava se institucionalizando e procurando apenas as margens já bem plácidas de um Partido de Trabalhadores. Revolução armada, um entusiasmo que ficou!

Em 1984, deixei o Jornal, os amigos, uma posição política de destaque, para, novamente, comer o pão que o diabo amassou nas ruas de São Paulo. Com 24 anos de idade, sem profissão, refazendo o périplo: procura de emprego, apostilas de cursinho, novo vestibular.

Aprendi muito com os meus movimentos políticos e sociais nesse retorno às origens, sobretudo que o mais importante dessas origens a reflexão política não toca.

MORANDO NA USP

Em 1985 passei a ser estudante da FFLCH e morador do CRUSP, já passando da idade, tinha 25 anos, mas trazia uma boa experiência de militância política, era leitor, só quase sujeito-leitor. Por já estar ficando aluno temporão, resolvi não sair mais da Universidade. Não sei por onde nem por que acabei tomando isso de forma muito literal. Estou aqui desde então.

Fiz os quatro anos da Graduação com o máximo de objetividade possível, entregando todos os trabalhos, fazendo todas as avaliações. Encontrei ainda tempo para atuar como representante discente e participar de congressos e eventos. A vida de estudante é boa, a USP é generosa demais: minha casa, o apartamento 203 do bloco C, tinha o quintal mais incrível do mundo: bibliotecas, cine-clubes, livrarias, lanchonetes, clubes, museus e um mundaréu de gente boa de prosa, gente até dos confins.

De morar a namorar, de casa a casar. Acabei casando por aqui também. Meu primeiro filho, Bruno, foi concebido no CRUSP.

Fui um morador bem comportado, estudioso, fiz excelentes amigos e, hoje, sei que essa moradia é tão necessária a alguns estudantes sem recursos, vindos dos cafundós e de outros estados, que tem de ser defendida contra os pragmatismos administrativos, as vocações neoliberais, que sempre veem o que se devolve ao pobre como gordura a ser queimada.

LITERATURA, LINGUÍSTICA, INCONSCIENTE

Duas paixões nortearam meus estudos na época: a Literatura e a Linguística. Como eu gostava muito de ler e não me engraçava muito com a crítica literária, acabei me aproximando mais da Linguística e da Semiótica, sobretudo quando percebi que havia um entroncamento que dava direto em Freud: o Lacan-lacanismo e as teorias do significante. A literatura continuava sendo o privilégio de minha solidão e de meu narcisismo didático.

Desde 1986, sustentei meus estudos dando aulas em escolas públicas na periferia de São Paulo. Vivi meu Cristo-jesus nessas escolas: o artigo *O poder de fogo da Educação na mira de novos e velhos prometeus* (1998) aproveita bem essa experiência.

Durante os quatro anos de FFLCH me empanturrei de estruturalismo. Estudei Saussure, Jakobson, Martinet, Benveniste, Hjelmslev, Greimas, e outros. Depois vieram os que iniciavam um movimento para além das estruturas, talvez já com a "as estruturas saindo às ruas": Barthes, Pêcheux, Foucault, Kristeva, Maingueneau, Austin, Searle, Bakhtin, Derrida.

Não fechei fronteiras em torno deste ou daquele autor, a alma não foi pequena, valeu a pena.

De Saussure, Jakobson e Barthes não foi difícil chegar à psicanálise-linguagem e explorá-la na pós-graduação. De Saussure a Freud, de Freud a Lacan¹¹, aprendi esse roteiro com Kristeva, com Pêcheux e outros – meu caminho é de linguista, não é de psicanalista. Decidi também assumir que o “inconsciente estrutura-se como linguagem”. Essa metáfora, apesar de ter sido posta (por mim mesmo) sob suspeita muitas vezes, ainda permanece, é chave de meu curso de pós-graduação e recorre em meus textos e cursos.

FAZENDO ESCOLA

Em 1993, perdi o medo da infância –já que eu era pai, por que não ampliar esse estofo de linguagem e visitar ainda mais o meu escriba das garatujas? No Colégio Giordano Bruno tive o prazer de exercer por quatro anos a função de Coordenador Pedagógico. Na lida com a infância, resolvi lidar de vez comigo mesmo, investi mais em Freud e Lacan e até dobrei o orgulho em divã de Psicanálise. Tentei enxergar mais essas crianças todas, lidei mais com meu mítico escriba da parede perdida.

Lembra-me prazerosamente o trabalho no Giordano. Queríamos uma escola dos sonhos, com professores empenhados no trabalho coletivo, ampla participação da e na comunidade. Aprendemos a reconhecer que todo sonho mostra seu umbigo, sorvedouro onde morrem as pretensões à clarividência absoluta. O Giordano deu-me mais um corte, aprendi a lidar melhor com os vetores e jogos que vão da efluviosa utopia à obesidade do real. Hoje não diminuo os sonhos, mas já manejo melhor o pouco de possível que o desejar permite diante do campo dos impossíveis.

¹¹ O segundo capítulo de minha tese de doutoramento faz uma síntese desse campo interdisciplinar.

LICENCIANDO: COM A PROSÁPIA EM CACOS

Já na reta final do bacharelado(1988), como eu já estava dando aula desde o segundo ano, precisava fazer a Licenciatura, adquirir a carteirinha do MEC, enfim licenciar-me.

Cheguei aqui na licenciatura de prosápia em riste. Já dava aula, tinha conhecido as escolas dos morros do Embu, as periferias da periferia, estava preparado - se quisesse, poderia ensinar o pai nosso ao vigário. Hoje, dando aula aqui na FEUSP, recebo com calma, todos os anos, esses alunos que vêm pra cá "só pra dar uma legalizadinha", esses que já sabem de um tudo, que já possuem a experiência. Acabo até me divertindo um pouco, quando consigo abrir um hiatozinho de boa e saudável ignorância, desses que se tem que ter quando se trata de lidar com gente, quando se deseja apostar em uma relação educativa autêntica. Conto hoje com a experiência da antiga prosápia para enfrentar as atuais.

Na minha licenciatura, minha soberba deu de cara com a Professora Hercília Tavares de Miranda, a Maga. Era, na verdade, Magna, mas o "n" ela nos cedeu pra navegarmos em busca de Ítacas. A aula de Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa era a mais bela das faltas. Ali estavam os espaços eletrizados, campos de forças mágicas que nos punham diante das possibilidades de uma educação desconcretizada, a gente aprendia a força das metáforas: pra que andar de pé no chão se nosso pégaso é a linguagem? Por outro lado, bem a exemplo da poesia de Manoel de Barros, era no chão que encontrávamos "as origens do vôo".

Num dos semestres, a Maga inventou de inventar um curso com o Professor Moacir Ribeiro do Vale (grande professor que se

tornou mais encantado, acho que em 1999) chamado “Física com todas as letras”. Para abrir o curso, coube-me o desafio de criar uma aula-poesia que gerasse uma atmosfera interdisciplinar, de tal modo que fizesse todo mundo perder as eiras e beiras de seus conformes disciplinares. Usei Borges, o belo poema “Ajedrez”. As brancas noites e os brancos dias, as infinitas possibilidades de jogar, os jogadores arcados uns sobre os outros na “trama de pó, tempo e agonia” abriram as portas do espaço e todos sideramos. Mais uma vez descobrimos a força das metáforas: *ora, disseram alguns, a Física não explica, apenas constrói metáforas funcionais sobre o universo.* Ah! Eu voltava aos belos tempos em que lidava com essas inexistências todas.

Essas e outras abracadabrices que fizemos nas aulas deram-me a certeza de que eu devia ficar por aqui.

Engajei-me no mestrado.

MESTRADO E DOUTORADO NA FEUSP

Logo após a licenciatura, em 1990, ingressei-me no mestrado da FEUSP sob a orientação da Profa. Dra. Hercília Tavares de Miranda. Nesse mesmo ano nascia meu segundo filho, Júlio. A vida dura, dois filhos pequenos, trabalho, falta de bolsa, obrigou-me a um trancamento de matrícula de um ano.

Retornei no ano seguinte, fazendo disciplinas com muita dedicação, lendo e explorando bem as bibliografias. Quase sempre, dividindo o tempo entre os cuidados com a prole (mamadeiras, fraldas, cuidados e carinhos e muita aprendizagem) e os textos da pós-graduação. Com os filhos engatinhando e dando os primeiros

passos, jogando o “fort da”, escondendo e manipulando objetos, entrando nos mistérios da fala, exigindo histórias e acalantos – eu contava com uma condição privilegiada de pesquisa-ação, de buscas e introspecções, que me davam um conhecimento de mundo denso, pregnante, dado aos sentidos e aos sentimentos. Penso que ainda não tirei proveito suficiente dessa memória toda, agora é que tudo isso começa a medrar, a vazar a pedra dura do pedagogo cotidiano.

Em 1995, a banca de meu exame de qualificação do Mestrado (Professoras Doutoras Elisabete Mokrejs, Leny Magalhães Mrech e Hercília Tavares de Miranda), além de aprovar meu relatório (que era na verdade um esboço bem adiantado da dissertação), distingue também o trabalho, recomendando sua defesa em nível de doutorado. Minha orientadora e eu entendemos que podíamos dar esse salto. O processo de passagem para o doutorado tramitou durante alguns meses, recebeu o aval de dois pareceristas e em 13 de novembro do mesmo ano foi homologado pela Comissão de Pós-graduação.

No dia 18 de março de 1997, defendi minha tese de doutorado, “Linguagem: Inconsciente e Educação”, diante da seguinte comissão: Profa. Dra. Hercília Tavares de Miranda (FEUSP-EDM); Prof. Dr. Eduardo Peñuela Canizal (ECA-USP); Profa. Dra. Elizabeth Brait (FFLCH-USP); Prof. Dr. Nilson José Machado (FEUSP-EDM); Prof. Dr. Júlio Roberto Groppa Aquino (FEUSP-EDF). Obtive a média 10 com distinção.

Dessa defesa, ponho em relevo uma frase do Professor Doutor Júlio Groppa Aquino, “Claudemir, a vida do pesquisador começa depois do doutorado”. Era uma resposta dada a minha autocrítica, no momento, ainda descontente com as lacunas da tese. O que ele queria dizer é que um bom pesquisador, a consolidação de nossas

armações teóricas, somente ganha forma após o alívio do peso institucional que essa fase representa em nossa vida.

Tinha razão o professor!

Só agora, quinze anos depois, contando com muitas outras experiências é que pude aquilatar o que significou esse tempo em que eu fazia os cursos, lia, discutia as teorias, tentava construir modelos no Giordano Bruno (como coordenador) e, em casa, dar-me aos cuidados com a prole e, ao mesmo tempo em que rascunhava tudo aquilo. Lembra-me aqui um verso de Drummond:

*Que se partiu, cristal não era.*¹²

Os teóricos prediletos, hoje, ainda são os mesmos, as idéias também. No entanto, a escrita e as reflexões, em relação à da tese, já são outras. Só o tempo já vivido pode ser narrado ou transformado em teorias. Quando estruturamos tudo, no quente do viver, estamos apenas lidando na bruteza, preparando terrenos pra sementeiras outras.

TU SERÁS PROFESSOR, CLAUDEMIR... PARA SEMPRE!

Ao terminar o doutorado, não tive sequer tempo para comemorar, já se estava publicando um edital de concurso (FEUSP 52/97 – DO-5/3/1997) do qual constava uma lista de obras que deveriam ser lidas para o concurso. Cansado, muito cansado, mas mesmo assim, arrepanhei as forças lá do íntimo – talvez, tenha evocado o pai mais uma vez pra mais esse desafio. Agora, em nome do pai mítico, do pai presente, da mãe e dos filhos, li toda a bibliografia e preparei-me detalhadamente para o concurso. A alma

¹² Procura da Poesia. In Rosa do Povo.

não é pequena... Tive um desempenho que surpreendeu até a mim mesmo. Com exceção do currículo, tirei dez em todas as provas.

Em agosto de 1997, iniciei minhas atividades docentes e de pesquisa na FEUSP. Desde então, fiz uma trajetória de docente e de pesquisador, cujos pontos e momentos mais salientes tento relatar na parte II deste memorial.

II – PARTE : TRAVESSIAS ENTRE DOCÊNCIA E PESQUISA

A experiência de docente e de coordenador que eu trouxe para a universidade, sem dúvida, deu-me cancha para pensar a transposição das teorias para o campo aplicado. Como professor de metodologia, esta experiência me permitia ser reconhecido e autorizado a falar sobre as práticas de um jeito mais íntimo.

Por outro lado, a vocação para a complexidade interpôs uma barreira entre os dois modos de me posicionar subjetivamente. Se de um lado, eu conseguia entrar em uma escola e, de imediato, abrir um pacote de sugestões úteis e práticas ao professor; de outro, quando partia para o teórico, lá vinham as dificuldades. Essa divisão traz marcas claras em minha produção. Meus primeiros artigos e intervenções nasceram bem apegados ao mundo da escola, lembram bem o braço do coordenador esticado, tal qual um capitão de navio a distribuir ordens e a indicar lugares.

Aos poucos fui encontrando uma convergência para os fluxos teóricos e as apetências práticas. O contato intenso com a realidade brasileira trouxe-me uma teimosia que talvez até tenha me prejudicado em algum sentido (vivi poucas experiências internacionais), mas ao mesmo tempo vem me dando certa “autorização” para falar de alfabetização e leitura num Brasil bem chão. Finquei o pé na busca do “criançamento”¹³ brasileiro e, tive que ir me virando na contra-mão do estado de conhecimento. A tese que apresento para este concurso é uma síntese desses destrilhamentos.

Quando iniciei meu trabalho na FE-USP, encontrei os campos da alfabetização e da leitura recortados por piagetianos, ferreiristas, vigotiskianos¹⁴, bakhtinianos e analistas do discurso. Como se *virar*

¹³ A expressão é do poeta Manoel de Barros.

¹⁴ Sobre Piaget, Vigostsky e Ferreiro minha bibliografia traz três artigos em que se pode ler minha posição.

nesse campo bem matriciado com uma armação teórica complicada, frágil do ponto de vista epistemológico e, ainda, difícil de ser corroborada em suas próprias lides? Como todos sabem, a Psicanálise da clínica empina seu queixo diante da universidade (mesmo sabendo que Freud e Lacan nasceram dentro do contexto discursivo universitário) e, mesmo os psicanalistas da academia também entestam mais pra clínica e reafirmam a avareza epistemológica de seus pares e, assim, repetem incansavelmente que educar é da ordem do recalque e que seu fazer se sustenta no(s) discurso(s) do mestre, do universitário e que, por sua vez, psicanalisar é de uma ordem revolucionária outra, avessa¹⁵, que põe em jogo o discurso do analista, que opera a partir do *objeto a*, do gozo, do esvaziamento dos sentidos, do vazio.

A polarização do modo como é posta parece partir de um discurso mestre meio enrijecido, pois as possibilidades de manejo a partir da evanescência do saber daquele que conduz (no caso, o professor) são também consideráveis, já que nem estamos mais em tempo de grandes mestres, de *magister dixit*. A palavra do mestre hoje tem que ter peso relativo. Retomar conceitos da psicanálise na educação, como eu o faço, é romper com o *magister dixit* e se expor à crítica.

Retomando o campo consensual da área, Piaget, Vigotski e Ferreiro são pesquisadores de alta categoria. Em todos os meus textos em que faço as diferenças em relação à minha concepção, faço questão de deixar explícito o meu respeito. Um dos pontos que demarca essa diferença é o próprio conceito de “desenvolvimento” – para todos eles o sujeito se apropria do objeto (seja a linguagem ou conhecimento físico), ainda que em fases – as fases posteriores superam as anteriores – vai-se de um patamar de menor conhecimento para um de maior. O que acontece com os níveis

¹⁵ O título do Seminário XVII, que introduz os quatro discursos, é justamente “O avesso da psicanálise”

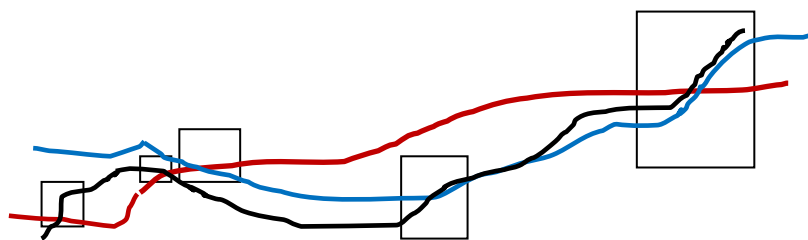
superados não está em questão. Como empresto este ponto de vista da Psicanálise, mais precisamente de Freud, então o que se faz ou se aprende hoje está e estará sempre impregnado do que se fez ou se aprendeu ontem, mas não no sentido de uma memória disponível, que pode ser consultada feito arquivos de historiografia. O conhecimento acumulado, que faz o ego se jactar, quer em sua manutenção, em seu reacionarismo, quer em sua constante modificação dialética, é sustentado ou tensionado sempre pelos estratos mais antigos de memória, que deixam seus trilhamentos, suas trajetórias de gozo. Nesse sentido não vale a pena falar em desenvolvimento, em sucessão de estágio no ensino. Ao avaliar uma criança, por exemplo, é muito mais interessante tentar inferir seu modo de se posicionar diante do conhecimento. Não se trata de analisar sua concepção de escrita, como em Ferreiro y Teberosky, mas sim “escutar” o que diz meio sem querer a respeito, por exemplo, de sua dificuldades com a escrita. Em outras palavras, buscar seu posicionamento diante da escrita (abordamos essa escuta no capítulo III da Tese). Nesse contexto, nosso ponto de partida é a modalidade oral da língua (cindida entre fala cotidiana e oralidade literária), sabemos que é dali que o aluno mira, se posiciona diante da escrita, ora com o ranço de um rapsodo grego dos tempos homéricos diante da escrita consonantal dos Fenícios, ora como um rapsodo inovador, que aceita pôr seu canto guerreiro na métrica morta da escrita¹⁶.

Outro ponto destas diferenças - e aí incluímos o genial Bakhtin -, sem dúvida, está nas concepções de subjetividade e de alteridade. Por mais que se possa parecer estruturalista e até machista (pois põe em jogo uma função paterna atravessando a materna na forma de fúntivos), ainda acho vantajoso manter a ideia de um sujeito dividido,

¹⁶ Sobre esse tópico, apresentamos o artigo *Oralidade e Cultura Escrita: em tempo de crianças e menestréis* (2008)

com um sujeito do inconsciente, excêntrico, efeito de alíngua e afeito ao gozo. A obra do círculo bakhtiniano é densa, dialética, traz uma alteridade interessante para se considerar o sujeito em sua relação com o outro, com o coletivo e aponta desdobramentos políticos e sociais, mas é, por outro lado, um mundo adultocêntrico. Nesse sentido, não tem muito a fazer diante da infância em sua superabundância de não-realidades, em seu entusiasmos fantasísticos (mostramos as consequências disso de se levar conceitos bakhtinianos para a alfabetização – capítulo II da Tese de Livre Docência). A criança não é um cidadão à procura de uma consciência política, é antes de tudo um cidadão do mundo da fantasia, que paradoxalmente começa a se haver com o chumbo da realidade por meio da evasão. E mesmo a criança pobre, da favela, com sua vida já sulcada por excessos de realidade – a ela devemos o direito à fantasia, ao sonho.

A obra que apresento na bibliografia abaixo é, portanto, elaborada a partir desse caminho solitário. Poucos são os autores que seguem trilha semelhante. Abaixo faço um esquema que talvez represente minhas tentativas de sínteses entre os campos de conhecimentos e autorias que se cruzaram em minhas pesquisas e escritos:



A linha vermelha representa as ciências da linguagem (Linguística, Literatura, Análise do Discurso), minha área de formação básica. A linha azul é a Psicanálise, que se cruza com a linguagem (Freud, Saussure, Jakobson, Lacan). A preta é a história da escrita

(decifradores) e da oralidade-escrita (historiadores), que se cruza tanto com a psicanálise (conceito de rébus, apropriação de Freud e de Lacan) e naturalmente com a Linguística e Literatura (o campo da decifração/ formação dos rapsodos, literatura oral). O retângulo maior seria o campo aplicado, onde as três linhas mantêm suas independências, mas se cruzam para a extração de conceitos e respectivas reelaborações diante dos acontecimentos. É preciso entender que essas relações não são apriorísticas, é meu ponto de vista que funda o objeto, que recorta o campo, ou seja, tudo é uma questão de leitura.

Como mostro na tese que apresento para este concurso, vários conceitos foram readaptados para o campo do ensino da leitura e da alfabetização, desde o conceito de rébus, que usamos para diagnosticar e para ensinar a tríplice implicação entre imagem-som-letra na dinâmica da escrita, até o conceito de retroação (grafo do desejo, de Lacan), que usamos para compreender leituras (tanto no oral como no escrito¹⁷), passando pelo conceito de escuta, que adaptamos exclusivamente para o diagnóstico de crianças pequenas¹⁸.

Talvez, por não estar posicionado dentro de um estado da arte bem matriciado, minha obra não é tão volumosa. Mas tenho por ela algum orgulho, pois conseguiu chegar a uma síntese importante, pronta para criticar e produzir.

Dispensando os primeiros artigos, de quando cheguei na universidade e ainda não sabia os limites de minha partilha com o outro, dá pra perceber uma coerência entre essas linhas e até mesmo a abertura de uma oficina produtiva entre as suas ponderações. Meus orientandos de hoje – sobretudo os que assumem a pesquisa aplicada

¹⁷ No artigo “Adivinha, leitura e escritura de desejo” desenvolvo essa relação da retroação no ato de escutar e ler e tento mostrar a implicação moebiana da relação oralidade-escrita.

¹⁸ Essa adaptação está tematizada no artigo Oralidade, alfabetização e leitura: enfrentando diferenças e complexidades na escola pública (2010)

(os projetos) – encontra(ra)m força e estratégias nessas convergências que produzi (veremos isso na coesão que os títulos das teses e dissertações vão adquirindo - ver **orientações concluídas**).

PESQUISA E ORIENTAÇÃO

Logo no segundo ano de meu ingresso na FE-USP, fiz questão de elaborar um projeto de pesquisa e endereçá-lo à FAPESP, na busca de financiamento. A hipótese, na época, não era tão distante da que afirmou meus projetos posteriores, ou seja, buscava descobrir as relações oralidade-escrita no momento inicial da alfabetização escolar. O parecerista que julgou meu projeto dedicou-me um rotundo e quase intransponível NÃO. Além de uma série de pequenos problemas apontados na relação entre objetivo e metodologia, concluía contundentemente que eu era um PESQUISADOR NOVO, que ainda não havia sustentado uma experiência próxima ou equivalente à do projeto.

No jogo das circunstâncias do parecerista, li que eu deveria ter feito essa pesquisa dentro de uma equipe, assimilado às experiências em curso na Universidade. O que não se sabia é que a área de Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa havia se desmontado completamente e que as relações interdisciplinares dentro da FE-USP não são muito imediatas.

Não recorri da sentença. Fiquei até achando que o parecerista estava (em)coberto de razão. Então, por algum tempo, toquei minhas pesquisas sem subsídio mesmo, usando muitas vezes meus contatos com estagiários e com professores em formação contínua¹⁹.

¹⁹ Os artigos *Formação Contínua nas áreas de linguagem: continuidades e rupturas (2003)*, *“Matrizes e Matizes do Oral no ensino da escrita” (2005, mas escrito em 2003)*., correspondem a essa relação entre docência e extensão.

Mais tarde tive a oportunidade de participar de outros projetos importantes, alguns lançados pela própria universidade, como, por exemplo, o “Pró-sem-giz”, que trazia uma abertura para os suportes eletrônicos. Essa incursão nas novas tecnologias, sobretudo a partir de 2003, trouxe-me certa abertura para eventos e divulgações²⁰.

Na época também elaborei alguns produtos de ensino: um CD para o MEC, que me deu muito trabalho e que infelizmente desapareceu das escolas públicas tão logo chegou (veja referência e comprovante no currículo anexo) e um curso de formação contínua *on line*, para professores, cuja temática é a leitura e alfabetização²¹. Também produzi dois artigos de divulgação, que para mim tem a mesma importância dos publicados em revistas indexadas, pois, por ter uma linguagem mais livre e uma circulação a partir de bancas de jornal e veiculada em uma revista com nome forte, “Mente Cérebro”, alcança muito mais leitores (veja na bibliografia) do que as revistas indexadas.

A partir de 2006, elaborei dois projetos mais sólidos e com mais recursos para subsidiar bolsas para meus orientandos e outros participantes (professores da rede pública e alunos de graduação). Agora sim, praticamente com a mesma hipótese do anterior, mas reforçados por objetivo mais precisos e metodologias mais ajustadas.

Na sequência, enumeramos e organizamos os documentos comprobatórios.

²⁰ Baseado nesta linha, publiquei. *Por uma ambiência de formação contínua de professores*” (2003), “O Cyber aluno”, “Mundos virtuais” e ainda “Laços na Matrix: quando o mundo some” (2010)

²¹ O curso já está com dez anos de funcionamento e vem sendo mantido pela Fundação Bradesco, que também subsidiou sua implementação em suporte eletrônico.

<http://www.ev.org.br/Cursos/Lists/Cursos/CursosTutoria.aspx?List=98e0d3db-98a8-470b-add0-1ca8f9acf05c&ID=4>

Claudemir Belintane

Dados Pessoais

Nome Claudemir Belintane
Filiação Júlio Belintane Filho e Isaltina Videira Belintane
Nascimento 21/07/1958 - Novo Horizonte/SP - Brasil
Carteira de Identidade 109662842 - SP - 14/12/1993
CPF 92803490820

Formação Acadêmica/Titulação

1991 - 1997 Doutorado em Educação.
Universidade de São Paulo, USP, Sao Paulo, Brasil
Título: **Linguagem: inconsciente e educação**, Ano de obtenção: 1997
Orientadora: Hercília Tavares de Miranda
Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Atuação profissional

Universidade de São Paulo – USP - FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FE

Vínculo institucional

1977 - Atual Vínculo: Servidor público , Enquadramento funcional: Professor doutor , Carga horária: 40, Regime: Dedicção Exclusiva (RDIDP)

ATUAÇÃO NA GRADUAÇÃO

Professor de Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa
Professor de Metodologia de Ensino de Linguística
Professor de Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa – Alfabetização

ATUAÇÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO

Orientação: Mestrado e Doutorado
Ministra a disciplina: **Escrita, suportes e subjetividades leitores** (EDM 5098)

Obs. Abaixo apresentamos as referências de nossa produção sempre encimadas por um título de seção que traz à esquerda a numeração que indica os documentos comprobatórios.

PASTA 1	PROJETOS DE PESQUISA
----------------	-----------------------------

DOC 001	Projeto UCA - Um Computador por Aluno - FASE II - O laptop na sala de aula da Escola de Aplicação da FEUSP (2010-2011)
----------------	---

Descrição: Trata-se de se um projeto do MEC (PROINFO), que está em sua fase II (Experimental). O objetivo é planejar e monitorar o uso dos laptops em sala de aula juntamente com os professores da Escola de Aplicação da USP.

Situação: Em Andamento Natureza: Pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (5); Mestrado acadêmico (2);

Integrantes: Claudemir Belintane (Responsável).

Financiador(es): Ministério da Educação - SEED - PROINFO-MEC-SEED-PROINFO

(a participação como coordenador se deu de 2009-2011 (ainda continua participando como pesquisador, pois este projeto se integra com o seguinte)

DOC 002	O DESAFIO DE ENSINAR A LEITURA E A ESCRITA NO CONTEXTO DO ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS E DA INSERÇÃO DO LAPTOP NA ESCOLA PÚBLICA BRASILEIRA (2010-2014)
----------------	---

Descrição: Articula sua proposta em torno da alfabetização em uma perspectiva interdisciplinar, incluindo a oralidade, a leitura e a escrita e as linguagens dos suportes eletrônicos e dos meios contemporâneos (internet, cinema, televisão) – focalizando, mais especificamente, as dificuldades de transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental I (séries iniciais) e o fluxo escolar do Ensino Fundamental I e II, tendo como preocupação a disparidade nível/série, como a que se verifica nas avaliações do SAEB/PROVA BRASIL, nas quartas-séries das escolas brasileiras, em que os percentuais dos níveis 0 e 1, somados, atingem mais de 30% .

Situação: Em Andamento Natureza: Pesquisa

Alunos envolvidos: Graduação (3); Mestrado acadêmico (2); Doutorado (2);

Integrantes: Claudemir Belintane (Responsável); ;

Financiador(es): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES

DOC 003	Ensino da Leitura e da Escrita em situações de exclusão e de conflitos entre o oral e o escrito (2008-2009)
----------------	--

Descrição: O objetivo é estudar os conflitos entre o oral e o escrito, tendo como objeto de pesquisa uma comunidade marginalizada, que mantém com a escola pública uma relação conflituosa.

Situação: Concluído Natureza: Pesquisa
Alunos envolvidos: Graduação (1); Mestrado acadêmico (2);
Integrantes: Claudemir Belintane (Responsável); ;
Financiador(es): INSTITUTO ACAIA

DOC 004	Ensinando leitura a partir de diagnósticos orais (2007 – 2009)
---------	---

Descrição: .A preocupação central deste projeto é pesquisar as possibilidades de um modelo de trabalho docente para o campo do ensino da leitura, focalizando a faixa etária em que a escola começa a sistematizar e a consolidar o ensino da leitura e da escrita (de cinco a dez anos), tomando em questão uma demanda oriunda das dificuldades de alfabetização e do ensino da leitura nas escolas públicas brasileiras, qual seja: o percentual de alunos que mesmo após quatro anos de alfabetização ainda não dominam a leitura fluente e significativa (percentual de 55,4%, segundo as avaliações do SAEB, BRASIL, 2003). O objetivo principal é chegar a um diagnóstico que possa fornecer mais informações sobre as correlações entre a oralidade e a escrita durante o processo de aprendizagem do código alfabético e de outras habilidades exigidas para o domínio da leitura fluente e significativa. Tais diagnósticos se centrarão na “oralidade infantil”, ou seja, a partir do pressuposto de que as crianças que possuem as habilidades linguageiras oriundas dos textos orais da infância (cantigas, brincos, parlendas etc.) reúnem também as condições básicas para o domínio da leitura mesmo em contextos em que a grau de letramento seja considerado baixo. A partir de diagnósticos pautados sobre essa diversidade textual, será organizado um acervo de textos orais, com cada texto categorizado e discriminado segundo seus potenciais estéticos e mnemônicos. Sobre tais textos serão experimentados manejos didáticos e estratégicos que, segundo nossa hipótese, facilitem a entrada da criança na leitura alfabética, de forma fluente e significativo. Inclui-se ainda no projeto um foco sobre as modalidades de uso da língua (oral ou escrita) e os recursos técnicos que as registram, os meios (analógicos e digitais) e os suportes (gráficos, eletrônicos) que hoje estão disponíveis tanto para as crianças como para os educadores.

Situação: Concluído Natureza: Pesquisa
Alunos envolvidos: Graduação (4); Especialização (1); Mestrado acadêmico (4); Mestrado profissionalizante (0); Doutorado (0);
Integrantes: Claudemir Belintane (Responsável); ; Gabriela da Cruz Lara; Louise Arosa Prol Otero; Lúcia Angela de Genaro; Alcebíades Diniz; Patrícia de Cicco Canato; Larissa Helena de Pétula Pereira; Mariana de Campos Pereira Giorgion; Kátia Arilla
Financiador(es): Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo-FAPESP
Número de produções C,T & A: 2/

DOC 005	Projeto Pró-Sem-Giz - Tecnologias da Informação no ensino (2005 – 2008)
---------	--

Descrição: Utilizando uma lousa eletrônica, um notebook e diversos handhalds (nas mãos dos alunos), pretende-se explorar as possibilidades de ensino e aprendizagem em um ambiente wireless, espaço de ensino em que os elementos tradicionais de escrita (caderno, caneta, lápis, giz) não serão utilizados. Contando com o dinamismo do suporte eletrônico e com as possibilidades síncronas de interfaces de ensino e aprendizagem, pretendemos investigar um novo ambiente de ensino da lecto-escritura, sobretudo experimentá-lo dentro de um contexto de ensino em que a heterogeneidade é um fato dado (diversos alunos em diversos níveis e situações de aprendizagem constituem a sala de aula complexa das redes públicas brasileiras).

Situação: Concluído Natureza: Pesquisa
Alunos envolvidos: Graduação (0); Especialização (0); Mestrado acadêmico (0); Mestrado profissionalizante (0); Doutorado (0);
Integrantes: Claudemir Belintane (Responsável); ;
Financiador(es): Pró Reitoria de Pesquisa da Usp-PRP
Número de produções C,T & A: 5/

PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA (ver caixas anexas)

CAIXA 001	ARTIGOS PUBLICADOS EM PERIÓDICOS
------------------	---

1. BELINTANE, C. **Oralidade, alfabetização e leitura: enfrentando diferenças e complexidades na escola pública**. Educação e Pesquisa (USP. Impresso). , v.36, p.685 - 703, 2010.
2. BELINTANE, C. **Vozes da Escrita: em tempos de crianças e menestréis**. Estilos da Clínica (USP). , v.02, p.36 - 51, 2008.
3. BELINTANE, C. **Leitura e Alfabetização no Brasil: uma busca para além da polarização**. Educação e Pesquisa (USP. Impresso). , v.32, p.261 - 277, 2006.
4. BELINTANE, C. **O instante complexo da vacilação na sala de aula**. MELP - REVISTA DE METODOLOGIA DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA. , v.01, p.09 - 21, 2006.
5. BELINTANE, C. **Matizes e matrizes do oral no ensino da escrita**. Doxa - Revista Paulista de Psicologia e Educação. , v.9, p.23 - 45, 2005.
6. BELINTANE, C. **Por uma ambiência de formação contínua de professores**. Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas. Impresso). , v.1, p.177 - 193, 2002.
7. BELINTANE, C. **Linguagem oral na escola em tempos de redes**. Educação e Pesquisa Revista da Faculdade de Educação da Usp. , v.26, p.54 - 65, 2000.
8. BELINTANE, C. **O poder de fogo da relação educativa na mira de novos e velhos Prometeus**. Cadernos do CEDES (UNICAMP). , v.1, p.20 - 35, 1998.

CAIXA 002	CAPÍTULOS DE LIVRO
------------------	---------------------------

1. BELINTANE, C. **Vozes da Escrita: em tempos de crianças e menestréis** In: Formação de Professor de Língua Portuguesa: quando a linguagem e o ensino se encontram. São Paulo : Paulistana, 2010, v.1, p. 73-89.
2. BELINTANE, C., LIMA, S. **A Polifonia dos Textos Oraís Na Infância e as Matrizes**

Linguageiras da Leitura. In: A Linguagem da Criança: Sentido, Corpo de Discurso". Araraquara : Cultura Acadêmica, 2008, v.1, p. 117-134.

3. BELINTANE, C. **Adivinha: leitura e escritura do desejo** In: Trilhas da Escrita: autoria, leitura e ensino. São Paulo-SP : Cortez Editora, 2007, p. 135-158.

4. BELINTANE, C. **Subjetividades renitentes entre o oral e o escrito** In: Linguagem e Educação: Implicações Técnicas, Éticas e Estéticas. 1 ed. São Paulo : Humanitas, 2006, v.01, p. 73-105.

5. BELINTANE, C. **Isto não é um cachimbo.** Material didático. SÃO PAULO:COORDENADORIA DE ESTUDOS E NORMAS PEDAGÓGICAS-CENP, 2001.

6. BELINTANE, C. **Formação Contínua na Área de Linguagem** In: Formação contínua na área de Linguagem : continuidades e rupturas. São Paulo : Pioneira Thonson Learningu, 2001, p. 17-38.

7. BELINTANE, C. **Língua-da-mãe versus lingua da mãe: autonomia e autoridades** In: Autoridade e Autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo-SP : Summus Editorial Ltda, 1999, p. 215-229.

PASTA 003	ARTIGOS NO PRELO E EM ANÁLISE
------------------	--------------------------------------

1. Belintane, C. **Polifonia, alteridade e autoria na produção de texto.** In. Psicanálise, transmissão e formação de professores. Mrech, L.M. e Pereira, M.R.(org.) pp. (60-76) , 2011 **Belo Horizonte: Fino Traço editora, 2011. (pags75 a 90).** ISBN: 978-85-8054-5

2. Belintane, C.; Fairchild, T. M; Ferreira, M. **Desafios para o ensino de Leitura e Escrita no Brasil: Heterogeneidade e Contato Linguístico.** Revista Signum: Estudos da Linguagem, 2011 (deverá ser publicado ainda este ano)

3. Belintane, C. **L' aliénation et la séparation dans la parodie : une stratégie à l'usage d'élèves de 9 ans pour la production de textes.** In. L'école, l'écriture et la creation. Bore, Catherine. & Calil, Eduardo .

Versão brasileira: **A alienação e a separação na Paródia: uma estratégia para a produção de texto com alunos de nove anos. A escola, a escrita e a criação;** 2009

(O livro será publicado em Francês e em Português. Trata-se de um trabalho integrado entre os grupos ET&C (UFAL/FE-USP) e o laboratório MODYCO (PARIS X/NANTERRE). Está em fase de tradução e de análise por uma editora francesa.

4. Belintane, C. **Por uma poética da alfabetização: reler Jakobson.** In: **O (in)esperado de Jakobson.** Organizada por Tfouni, L.V. e Toneto, D. (em fase de análise), 2011

5. Belintane, C. **Oralidade e escrita: muito a pesquisar e a integrar no campo do ensino.** 2010 Org. Del Rê, A. e Romero, M. Em fase de análise pela Editora Cortez.

6. Belintane, C. **Laços na matrix: quando o mundo some.** 2010 Org. Habib, M. (em fase de aprovação por editoras).

CAIXA 003	TRABALHOS PUBLICADOS EM REVISTAS DE GRANDE CIRCULAÇÃO/DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA (Texto de extensão próxima aos artigos científicos)
-----------	--

1. BELINTANE, C. **Alunos rebeldes. In: *Mente Cérebro: Hiperatividade e Epilepsia*. ed.São Paulo : Duetto Editorial, 2010, v.3, p. 54-61.**
2. BELINTANE, C. **Psicanálise e Alfabetização In: *Psicanálise e Linguagem*. .São Paulo : Segmento, 2008, p. 54-60.**
3. BELINTANE, C. **Muito além da cegonha: questões sobre sexualidade e ensino. In: *Sexos: a trama da vida. *Mente e Cérebro**.São Paulo : Duetto, 2008, v.1, p. 50-55.**
4. BELINTANE, C. **Mundos virtuais In: *O olhar adolescente*.In. *Mente e Cérebro*. São Paulo : Duetto, 2008, v.3, p. 62-71.**
5. BELINTANE, C., LIMA, S. O. **A polifonia entre gêneros orais infantis é a base da leitura e da escrita. *Direcional Educador*. São Paulo, p.10 - 13, 2007.**
6. BELINTANE, C. **Vamos Todos Cirandar: In: *Aquisição da linguagem, raciocínio e conhecimento*. *Mente e Cérebro*. São Paulo : Duetto-Editorial, 2006, v.03, p. 42-51.**
7. BELINTANE, C. **A guerra dos métodos In: *Memórias da Pedagogia : Emília Ferreira*. Rio de Janeiro/São Paulo : Ediouro/Duetto, 2005, v.05, p. 62-67.**
8. BELINTANE, C. **Piaget e a linguagem: limites de uma teoria In: *Memória da Pedagogia: Piaget*. .Rio de Janeiro/São Paulo : Ediouro/Duetto, 2005, v.01, p. 68-75.**
9. BELINTANE, C. **Vygotsky: um contínuo vai-e-vem In: *Memórias da Pedagogia: Vygotsky*. Rio de Janeiro/São Paulo : Ediouro/Duetto, 2005, v.02, p. 50-57.**
10. BELINTANE, C. **Cyberaluno. *Memórias da Pedagogia*. Rio de Janeiro/São Paulo : Ediouro/Duetto, 2006**

PASTA 3	TRABALHOS PUBLICADOS EM ANAIS DE EVENTOS (COMPLETO)
---------	--

1. BELINTANE, C. **Abordagem da oralidade e da escrita na escola a partir da tessitura interdisciplinar entre a Psicanálise e a Linguística. In: *Seminários do LEPSI*, 2007, São Paulo. *Anais do LEPSI / SCIELO*. SCIELO, 2007.**
2. BELINTANE, C. **Excerto do projeto Iconicidade: cronistas portugueses e o nascimento da imagem do brasileiro In: *Congresso Luso-brasileiro: Memórias e Imaginários*, 1999, Lisboa. *Actas do Congresso Luso-Brasileiro Memórias e Imaginários*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação de Portugal, 1999. v.II. p.508 - 517**

CAIXA 4	TEXTOS DE DIVULGAÇÃO (DE MENOR EXTENSÃO) PUBLICADOS EM REVISTAS, JORNAIS E SITES
---------	---

1. BELINTANE, C. **Das fontes populares à literatura moderna.** CARTA FUNDAMENTAL. Brasil, p.14 - 17, 2009.
2. BELINTANE, C. **Cultura oral: as narrativas populares são importantes objetos de estudo das variações lingüísticas e fontes de produções literárias e artísticas.** Carta na Escola. São Paulo - SP, p.47 - 49, 2007.
3. BELINTANE, C. **Entre Pessoas e máquinas.** *Mente & Cérebro.* São Paulo, p.98 - 98, 2006.
4. BELINTANE, C. **Entre Pessoas e máquinas.** *Mente & Cérebro.* São Paulo, p.98 - 98, 2006.
5. BELINTANE, C. **É preciso um novo método para ensinar a ler.** *Jornal da USP.* São Paulo, v.754, p.13 - 13, 2006.
6. BELINTANE, C. **É difícil começar um texto?.** *Revista Veja na Sala de Aula.* São Paulo - SP, v.16, p.2 - 3, 2000.
7. BELINTANE, C. **Sensualidade à flor da pele.** *Revista Veja na Sala de Aula.* São Paulo - SP, v.1, p.2 - 3, 2000.
8. BELINTANE, C. **As idades do prazer.** *Revista Veja na Sala de Aula.* São Paulo - SP, v.35, p.4 - 5, 1999.
9. BELINTANE, C. **transgressão tem limites.** *Veja na sala de aula.* São Paulo, v.16, p.4 - 5, 1999.
10. BELINTANE, C., BIOGOTTO, F. C. **A abominável imagem do espelho.** *Viver Psicologia.* São Paulo, v.63, p.30 - 31, 1998.

PASTA 4	RESENHAS, PREFÁCIOS E OUTROS
---------	-------------------------------------

1. BELINTANE, C. **Na busca das escritas em teias.** Prefácio ao livro Calil, E. O. **Escrever o invisível.** São Paulo/Rio de Janeiro:Unesp/Funart, 2008
2. BELINTANE, C. **Contação e Leitura, através da vidraça da escola** In: *Através da Vidraça da Escola: formando novos leitores.* São Paulo : Casa do Psicólogo, 2005, p. 10-13.
3. BELINTANE, C. **Resenha do filme de Michel Ocelot, Kiriku e a feiticeira.** resenha. Salvador:Revista de Educação CEAP - Ano XI, 2003. (Outra produção bibliográfica)
4. BELINTANE, C., LIMA, S. O., ALMEIDA, N. A. **Ambiência Integradora de Leitura.** Material didático. OSASCO:Fundacao Bradesco, 2001. (Outra produção bibliográfica)
5. BELINTANE, C. **Resenha do livro de Marcuschi, L. A. Da fala para a escrita.** resenha. :prelo, 2001. (Outra produção bibliográfica).

PASTA 5	MATERIAL DIDÁTICO E OUTRAS PRODUÇÕES
---------	---

1. BELINTANE, C., LIMA, Sheila, ARANTES, Maria Celeste et al.
Memórias de Professores, 2005.

2. BELINTANE, C., LIMA, S. O., ALMEIDA, N. A. **Ambiência e Leitura: curso on line de formação de professores**, 2002 (curso on line com cinco módulos)

3. BELINTANE, C. **Avaliação Institucional**, DVD, Organizado pela Fundação Bradesco, 2005.

PASTA 6	CURSOS EM OUTRAS UNIVERSIDADES
---------	---------------------------------------

1. BELINTANE, C., OLIVEIRA, E. C.

Ensino da Leitura e aquisição de linguagem: dupla implicação, 2008. (Extensão, Curso de curta duração ministrado)

2. BELINTANE, C., LIMA, S. O., FELIPETO, C.

Linguagem e subjetividade, 2008. (Especialização, Curso de curta duração ministrado)

PASTA 7	ENTREVISTAS E PARTICIPAÇÕES NA MÍDIA
---------	---

1. BELINTANE, C. **Entrevista sobre alfabetização e leitura**, 2009.

2. BELINTANE, C. **Entrevista sobre leitura e alfabetização**, 2009.

3. BELINTANE, C. **Alfabetização na periferia**, 2008.

4. BELINTANE, C. **Entrevista sobre alfabetização na escola pública**, 2008.

5. BELINTANE, C. **Entrevista sobre aquisição de linguagem**, 2006.

6. BELINTANE, C. **Olhar da USP – Alfabetização no Brasil**, TV UNIVERSITÁRIA, 2006.

**ORIENTAÇÕES, SUPERVISÕES E BANCAS
(PÓS-GRADUAÇÃO)**

PASTA 008	ORIENTAÇÕES E SUPERVISÕES CONCLUÍDAS – NÍVEL MESTRADO
-----------	--

1. Gabriela Lara da Cruz Lucas. **Oralidade , Psicanálise e Alfabetização: experiência com crianças oriundas de famílias pobres**. 2010. Dissertação (Programa de Pós Graduação da Feusp) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
2. Karyn Bulbarelli. **Escrita e inconsciente: aquisição da escrita na infância**. 2007. Dissertação (Programa de Pós Graduação da Feusp) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
3. Karina Fernandes da Silva. **"O ensino infantil: o papel dos textos lúdicos no processo de aprendizagem da leitura e da escrita"**. 2006. Dissertação (Programa de Pós Graduação da Feusp) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
4. Maria Cláudia Lemes Lopes da Silva. **Diálogos entre crianças na educação infantil: uma reflexão sobre a gênese do psiquismo**. 2005. Dissertação (Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
5. Paulo Sérgio de Proença. **Entre a cruz e a espada: erotismo, linguagem obscena, literatura e religião**. 2005. Dissertação (Programa de Pós Graduação da Feusp) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
6. Maria Celeste Arantes Correa. **Preferências de leitura de meninos e meninas na escola implicam o papel da mulher professora e leitora?**. 2004. Dissertação (Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
7. Fábio Nogueira Martins. **Teatro-Educação no Brasil: uma contribuição historiográfica**. 2004. Dissertação (Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
8. Ilan Brenman. **Através da vidraça da escola**. 2003. Dissertação (Programa de Pós Graduação da Feusp) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
9. Márcia Verscovi Fortunato. **Autoria sob a materialidade do discurso**. 2003. Dissertação (Programa de Pós Graduação da Feusp) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
10. Anna Rita Sartore Laurito. **Escrita no corpo: ponderações por um viés psicanalítico**. 2003. Dissertação (Programa de Pós Graduação da Feusp) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

PASTA 008	ORIENTAÇÕES CONCLUÍDAS – NÍVEL DOUTORADO
-----------	---

1. Lucila Pastorelli. **Relações entre oralidade e escrita**. 2010. Tese (Pós-graduação em educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

2. Maria Celeste Arantes Correa. **A leitura e a escrita no silêncio das mulheres: uma intersecção entre psicanálise e cultura.** 2009. Tese (Programa de Pós Graduação da Feusp) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
3. Sheila de Oliveira Lima. **Letramento e oralidade.** 2006. Tese (Programa de Pós Graduação da Feusp) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
4. Anna Rita Sartore. **Escrita e Angústia: ponderações por um viés psicanalítico.** 2005. Tese (Programa de Pós Graduação da Feusp) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
5. Márcia Celestini Vaz. **Modos de ler e dizer do sujeito: paráfrase, gestos de interpretação e autoria nas licenciaturas em letras e pedagogia.** 2004. Tese (Programa de Pós Graduação da Feusp) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

PASTA 008	ORIENTAÇÕES EM ANDAMENTO - MESTRADO
-----------	--

1. Mariana de Campos Pereira Giorgion. **Família, oralidade e Escrita.** 2009. Dissertação (Programa de Pós Graduação da Feusp) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
2. Lúcia Angela de Genaro. **Literatura oral nas mídias contemporâneas.** 2009. Dissertação (Programa de Pós Graduação da Feusp) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
3. Simone Favaretto. **O papel do silêncio na aprendizagem da língua.** 2009. Dissertação (Educação-Didática) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
4. Louise Arosa Prol Otero. **Alfabetização e leitura em ambientes economicamente desfavorecidos.** 2008. Dissertação (Educação-Didática) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
5. Evandro Rodrigues da Silva. Oralidade e canção popular. Ingresso em 2011

PASTA 008	ORIENTAÇÃO EM NÍVEL DE DOUTORADO
-----------	---

1. Laura Battaglia Pires Cavalcanti. **Oralidade, corpo e escrita.** 2009..
2. Maria da Conceição Costa. Oralidade e Narrativas.

PASTA 009	PARTICIPAÇÃO EM EVENTOS
-----------	--------------------------------

Apresentação Oral no(a) **I ENCONTRO SOBRE A LINGUAGEM DA CRIANÇA: SENTIDO, CORPO E DISCURSO**, 2010. (Encontro)

Oralidade e Escrita no Brasil: Muito a aproveitar, muito a pesquisar.

Apresentação Oral no(a) **VIII SEMINÁRIO DE METODOLOGIA DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**, 2009. (Seminário)

Apresentação de Resultados de Pesquisas: alfabetização e leitura a partir das demandas mais concretas da Escola Pública.

Apresentação Oral no(a) **VI COLÓQUIO DE PROFESSORES DE METODOLOGIA DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**, 2009. (Outra)

Currículo: oralidade, leitura e escrita na escola pública.

Conferencista no(a) **IX ENCONTRO DO PROLER-MEC**, 2009. (Encontro)

Leitura e Alfabetização: prioridades em novos contextos".

5. Conferencista no(a) **ENCONTRO DOS PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO**, 2009. (Encontro)

Oralidade e Escrita: (im)possíveis conjunções?.

6. Apresentação Oral no(a) **VII Semana da Educação da FEUSP**, 2009. (Outra)

Perdas de ganhos da Educação a Distância.

7. Moderador no(a) **16o. Simpósio Internacional de Iniciação Científica**, 2008. (Simpósio)

Alfabetização.

8. Apresentação Oral no(a) **IV SIMPÓSIO DEDIC-ESCRITA**, 2008. (Simpósio)

Alfabetização, a criança e a produção textual.

9. Apresentação Oral no(a) **VII SEMINÁRIO DE METODOLOGIA DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**, 2008. (Seminário)

Aquisição da escrita, ensino e avaliação.

10. Apresentação Oral no(a) **56. Seminário do Gel.**, 2008. (Seminário)

Aquisição da fala, aquisição da escritas: pequenos e grandes outros na produção textual.

11. Apresentação Oral no(a) **19o. Congresso Anual do SINPEEN**, 2008. (Congresso)

Conceitos relativos à cultura oral e à escrita.

12. Conferencista no(a) **V CICLO DE CONFERÊNCIAS - AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM**, 2008. (Outra)

Enlaçamentos moebianos entre a fala cotidiana e os textos da tradição oral infantil.

13. Apresentação Oral no(a) **IX SEMANA NACIONAL DO LIVRO E DA BIBLIOTECA**, 2008. (Simpósio)

Janelas Virtuais das juventudes: da Ilíada à Internet".

14. Conferencista no(a) **I X SEMANA NACIONAL DO LIVRO E DA BIBLIOTECA**, 2008. (Encontro)

Janelas virtuais das juventudes: da Iliada à Internet.

15. Apresentação Oral no(a) **8o. Inernational Congress Of Isapl**, 2007. (Congresso)

Autoria e Produção de texto na escola.

16. Apresentação Oral no(a) **V SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA MATERNA E ESTRANGEIRA E DE LITERATURA-SELIMEL**, 2007. (Seminário)
Leitura e Alfabetização: prioridades em novos contextos.
17. Conferencista no(a) **VI Seminário de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa**, 2007. (Seminário)
O currículo de Língua Portuguesa entre práticas escolares e orientações oficiais.
18. Apresentação Oral no(a) **II SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE PRÁTICAS ESCRITAS NA ESCOLA: LETRAMENTO E REPRESENTAÇÃO**, 2006. (Simpósio)
A oralidade e a escrita: entre a escola e a lan-rouse.
19. Apresentação Oral no(a) **V Seminário de Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa**, 2006. (Seminário)
Bases para um currículo de linguagem para o novo fundamental de nove anos".
20. Conferencista no(a) **V Encontro de Arte e Cultura, 1o. Encontro de Pólos Paulistas" : Arte na Escola**, 2006. (Encontro)
"Espaço e Mediação no Ensino de Arte".
21. Conferencista no(a) **Semana de Letras 2006 - A língua e suas diversas manifestações**, 2006. (Seminário)
Leitura e escrita.
22. **Jornadas de Alfabetização e Leitura**, 2006. (Outra)
Métodos de alfabetização: estado da arte contemporâneo.
23. Conferencista no(a) **Semana de Lingüística**, 2006. (Outra)
Oralidade e poesia, preparando as bases da escrita.
24. Conferencista no(a) **17o. Congresso Anual do SINPEEM**, 2006. (Congresso)
Os desafios da educação atual.
25. Moderador no(a) **II SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE PRÁTICAS ESCRITAS NA ESCOLA: LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO**, 2006. (Simpósio)
"Prática de leitura de formandos em letras: a ilusão do sentido único".
26. **Programa de Pós-Graduação em Educação**, 2005. (Seminário)
Alfabetização e Ensino de Leitura: Conflitos e demandas contemporâneas.
27. **I Jornadas de Estudos - Alfabetização e Leitura.**, 2005. (Outra)
Coordenação da I Jornadas de Estudos - Alfabetização.
28. **IV SEMINÁRIO DE METODOLOGIA DE ENSINO DE LÍNGUA**, 2005. (Seminário)
Coordenação do IV Seminário de Metodologia de Língua Portuguesa .
29. **Programa de Pós-Graduação da UFAL - CEDUC**, 2005. (Outra)
Curso de Pós-graduação: Oralidade que se (ins)escreve.
30. **Encontro de Pesquisa**, 2005. (Encontro)
Encontro de Pesquisa: Linguagem e Educação.
31. **15o. INPLA - Intercâmbio de Pesquisas em Lingüística Aplicada**, 2005. (Simpósio)
Escritura e Subjetividade.
32. **VIII SEMANA DE LETRAS E EDUCAÇÃO E I SIMPÓSIO DE PESQUISA**, 2005. (Simpósio)
Oralidade e Escrita: Confrontos e Reconciliações.

33. **Seminário de Aquisição da Linguagem**, 2005. (Outra)
Os precursores corporais e comportamentais do acesso à linguagem verbal: da voz da mãe como ópera para o bebê, à narratividade.
34. **III Congresso Internacional da ABRALIN**, 2003. (Congresso)
Ambiências de autorias, subjetividades em rede.
35. **II Seminário de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa**, 2003. (Seminário)
II Seminário de Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa.
36. **II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO**, 2003. (Oficina)
LITERATURA POPULAR: CULTURA ORAL E LETRAMENTO.
37. **II Seminário de Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa**, 2003. (Seminário)
Mesa-redonda: O Ensino da Língua Portuguesa: a formação e atuação do profissional.
38. **II SEMINÁRIO DE METODOLOGIA DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**, 2003. (Seminário)
ORGANIZAÇÃO DO II SEMINÁRIO DE METODOLOGIA DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA DA FEUSP.
39. **FALE - FORUM ACADÊMICO DE LETRAS**, 2003. (Oficina)
Pesquisa sobre ensino de linguagem em redes eletrônicas.
40. **V Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste**, 2003. (Encontro)
V Encontro de Pesquisa em Educação da Região Sudeste.
41. **I Seminário de Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa**, 2002. (Seminário)
Comissão Organizadora do I Seminário de Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa.
42. **OT - ORIENTAÇÃO TÉCNICA DA REDE MUNICIPAL DE SÃO PAULO**, 2002. (Oficina)
Ensino de Leitura e Escrita diante das demandas contemporâneas.
43. **Educar na Sociedade da Informação**, 2002. (Simpósio)
Formação Contínua, linguagens e redes.
44. **Fórum Acadêmico de Letras**, 2002. (Outra)
Mesa redondada: formação em letras.
45. **Teleconferência do PEC - FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA**, 2002. (Outra)
Teleconferência: Variação Lingüística e Preconceito.
46. **Vídeo Conferência do PEC-FOR PROF**, 2002. (Outra)
Vídeo Conferência: Concepções de Linguagem: 20 horas.
47. **Construção do Projeto Pedagógico da Fundação Bradesco**, 2001. (Outra)
Curso de Formação Contínua de Supervisores da Rede Escolar da Fundação Bradesco.
48. **III Colóquio do LEPSE**, 2001. (Seminário)
III Colóquio do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre a Infância .
49. **Cidade do Conhecimento**, 2001. (Seminário)
Linguagem e redes.
50. **II Semana da Educação**, 2001. (Oficina)
Recriações da Cultura Popular.
51. **Projeto de Formação Continuada de Professores da Rede Municipal de São Paulo**, 2000. (Outra)

Curso de Formação Contínua.

52. **Linguagem ou processo de subjetivação**, 1999. (Seminário)
Desenvolvimento ou processo de subjetivação.

53. **Palestra na Universidade de Coimbra**, 1999. (Outra)
O Ensino da Língua e da Literatura Portuguesa no Brasil.

54. **Projeto Escola de Verão/99**, 1999. (Oficina)
Oralidade e Ensino de Linguagem.

55. **12 COLE**, 1999. (Congresso)
12o. Congresso de Leitura do Brasil.

56. **Ciclo de Palestras sobre cidadania e tecnologia**, 1998. (Outra)
A drogadição no cotidiano escolar.

57. **15a. Bienal Internacional do Livro**, 1998. (Seminário)
A progressão semântica na leitura.

58. **Oficina Pedagógica**, 1998. (Oficina)
Oficina Pedagógica de Língua Portuguesa e Alfabetização.

59. **IX Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino**, 1998. (Encontro)
Oralidade e desejo.

PASTA 10	ORGANIZAÇÃO DE EVENTOS
----------	-------------------------------

1. Organização anual do evento **SEMINÁRIO DE METODOLOGIA DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA** (que já está na X versão).

2.. CORREA, M. C. A., LAURITO, A. R., LIMA, S. O., BELINTANE, C. et al.
Alfabetização e Escrita - Entre a Pesquisa e a Demadna, 2007. (Exposição, Organização de evento)

PASTA 11	PARTICIPAÇÃO EM BANCAS
----------	-------------------------------

(APRESENTO APENAS OS NÚMEROS, OS CERTIFICADOS ESTÃO NA PASTA)

DEFESA DE MESTRADO : 21

DEFESA DE DOUTORADO : 19

QUALIFICAÇÃO PARA O DOUTORADO : 10

QUALIFICAÇÃO PARA O MESTRADO : 27

PASTA 12	PARTICIPAÇÃO COMO PARECERISTA
-----------------	--------------------------------------

Pareceres sobre artigos científicos

Pareceres sobre relatórios de docência e pesquisa

Outros

PASTA	PARTICIPAÇÃO EM COMISSÕES, CARGOS E FUNÇÕES
--------------	--

Coordenador da área de Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa

Presidente da Comissão de Informática

Congregação da FEUSP

Comissão de Graduação da FEUSP

Outros

São Paulo, 20 de setembro de 2011

Prof. Dr. Claudemir Belintane